

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

GILLIARD ANTONIO PEREIRA DA SILVA

**A “ERA DE LAODICÉIA”: O CONSERVADORISMO DE WILLIAM
BRANHAM E A SOCIEDADE AMERICANA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

UBERLÂNDIA

2017

GILLIARD ANTONIO PEREIRA DA SILVA

**A “ERA DE LAODICÉIA”: O CONSERVADORISMO DE WILLIAM BRANHAM E
A SOCIEDADE AMERICANA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de História do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro

UBERLÂNDIA

2017

GILLIARD ANTONIO PEREIRA DA SILVA

**A “ERA DE LAODICÉIA”: O CONSERVADORISMO DE WILLIAM BRANHAM E
A SOCIEDADE AMERICANA PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de História do Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial à conclusão do curso.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Dilma Andrade De Paula

Prof. Dr. Sérgio Paulo Moraes

Orientador: Dr. Deivy Ferreira Carneiro

Dedico este trabalho aos meus pais, Rosilene e Alemão, e ao meu irmão Jefferson, que muito me apoiaram durante o curso e durante toda a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me apoiaram e se alegram na minha escolha em fazer o curso de História.

Agradeço aos meus colegas e amigos do curso de História, da minha turma 36 e aos demais amigos e colegas de outras turmas com os quais tive contato nas monitorias. Faltaram-me tempo e páginas para citar o nome de todos, mas agradeço pelas conversas, pela amizade, pelos debates. De forma especial, agradeço com muita gratidão a meu colega e amigo Matheus Knychala Biase: Obrigado pelos conselhos, pelas palavras de incentivo, pela honestidade e também pelos contos e causos que me alegraram muito.

Agradeço também aos secretários do INHIS João Batista, Flávia e Cristina pela paciência ao longo dos anos, diante das dúvidas burocráticas de nosso curso.

Agradeço aos amigos da minha querida Escola Municipal Domingas Camin, em Miraporanga; Amigos tantos dentre os quais destaco Tales, Guilherme, Maria Isabel, Euclides, Daniel, minha inspiradora professora de História, Cida, entre tantos outros professores e amigos do Ensino Fundamental e Médio, não podendo esquecer-me do Dione e da Kelzyene.

Agradeço a todos os professores do INHIS, pois sem eles o saber e a aprendizagem histórica seriam distantes para mim. Agradeço, em especial, ao meu orientador, o botafoguense sofredor Deivy, que teve muita paciência em me orientar (muita paciência mesmo), sem falar na sinceridade e nos puxões de orelha. Sem as orientações e conselhos dele, dificilmente conseguiria concluir o curso. Obrigado, Deivy!

Agradeço aos meus pais pelo apoio em todos os sentidos, pelas repreensões, pelas cobranças e pela alegria de me ver concluir o curso de História. Rosilene, Alemão e meu irmão Jefferson, amo vocês. Agradeço também aos meus tios, tias, primos e primas pelo apoio.

Agradeço com toda a gratidão a Deus, a razão de minha existência, digno de gratidões eternas, pelas vitórias na batalha da vida, pela vida. “Sou um milagre e estou aqui” letra de uma canção cristã que representa bem a minha vida. Obrigado, Jesus.

RESUMO

As pregações religiosas não estão condicionadas a fatores meramente religiosos de uma sociedade: elas expressam muito do saber político, cultural e comportamental de uma dada realidade histórica em contextos definidos. Nesse sentido, as pregações fundamentalistas, milenaristas e conservadoras de Willian M. Branham, sob uma crítica histórica e, de certa maneira teológica, têm muito a nos oferecer para o entendimento e a compreensão da sociedade americana pós Segunda Guerra Mundial e no processo histórico da Guerra Fria. Temas como anticomunismo, direitos sociais e civis, o papel da mulher na sociedade e anticatolicismo estão presentes numa análise religiosa conservadora da sociedade. Há de se observar que as mudanças políticas, sociais e culturais no século XX trouxeram impactos importantes ao conservadorismo da sociedade americana entre os anos 1950 aos anos 1970, e, nesse sentido, Willian Branham vê os EUA em colapso e decadência moral. Portanto, sua pregação apocalítica enxerga, nas mudanças presentes na sociedade, o “fim da História”, em definição: o milênio de Cristo.

Palavras-chave: Discurso religioso – História - Sociedade Americana Pós Segunda Guerra.

ABSTRACT

Religious preaching is not conditioned to merely religious factors of a society, they express much of the political, cultural and behavioral knowledge of a given historical reality in defined contexts. In this sense, the fundamentalist, millenarian and conservative preaching of William Branham, under historical and somewhat theological criticism, has much to offer us for the understanding and understanding of post-World War II American society and the historical process of the Cold War. Issues such as anti-communism, social and civil rights, the role of women in society and anti-Catholicism are present in a conservative religious analysis of society. It should be noted that political, social, and cultural changes in the twentieth century will have an important impact on the conservatism of American society between the 1950s and the 1970s, and William Branham sees the United States in moral collapse and decay. Apocalyptic preaching sees, in the changes present in society, the "end of history", in definition: the millennium of Christ.

Key-words: Religious Discourse - History - American Society After World War II

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: FORMAÇÃO RELIGIOSA E CONTEXTO HISTÓRICO DE WILLIAN M. BRANHAM	11
1.1 Pentecostalismo e o Tabernáculo da Fé de William M. Branham	13
1.2 Contexto histórico de Willian Branham e a produção de suas pregações.....	19
CAPÍTULO 2: “DIREITO DOS POVOS”, AS QUESTÕES POLÍTICAS E CULTURAIS NA “ERA DE LAODICÉIA”	32
2.1 O contexto da Guerra Fria e o anticomunismo político e religioso.....	34
2.2 As mudanças culturais e sociais do século XX e o conservadorismo de Branham.....	42
CAPÍTULO 3: O ANTICATOLICISMO DE BRANHAM E O ECUMENISMO CRISTÃO.....	53
3.1 Restauração da “Igreja Noiva” e a temida ascensão do Catolicismo	53
CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico discute as pregações religiosas de Willian M. Branham, seu conservadorismo religioso e político e como ele se porta diante das intensas e tensas mudanças presentes na sociedade americana no século XX.

A problematização que norteia a pesquisa gira em torno de se entender a interação entre discurso religioso e sociedade, bem como esta interação fomenta posicionamentos referentes a política, cultura e sociedade.

Partimos, então, da hipótese de que o discurso religioso possa estar atrelado diretamente ao sistema político da época, dando base social para legitimidade do *status quo* vigente sob ideais conservadores. Entretanto, a hipótese, no decorrer da pesquisa, não se confirma, como veremos no decorrer do texto, mostrando-nos que o contexto social cultural e histórico de Willian M. Bramam colabora para a formação de sua visão conservadora sobre a sociedade americana do seu tempo. Nesse contexto, o sagrado, no caso a Bíblia e as interpretações advindas dela, dará base afirmativa para a compreensão e transformação da realidade, assim como para o fortalecimento ou não de posicionamentos sobre todos os âmbitos da vida humana.

Portanto, o objetivo geral se explicita em perceber como as pregações religiosas nos dão uma compreensão da sociedade americana nos tempos da Guerra Fria e de “Revolução Cultural”. Os objetivos específicos norteiam os temas de análise, tais como a produção dos discursos anticomunistas em oposição ao ideal de americanismo, as mudanças na sociedade, cultura e família e o fim da história no discurso apocalítico religioso.

A escolha do tema de pesquisa monográfica ocorreu por meio do contato que tivemos com alguns membros da Igreja Tabernáculo da Fé, que, na tentativa de me converter à sua religião, deram-me livretos do pregador que analiso aqui. Os livretos nos chamaram a atenção não pelo seu conteúdo religioso, mas sim pelas posições políticas e culturais neles expressas. Aos poucos, as pregações de Willian M. Branham tornaram-se meu objeto de pesquisa devido ao anticomunismo contido nelas, tanto como sua compreensão acerca das mulheres na vida política.

O recorte temporal corresponde aos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial e à consolidação política global resumida na Guerra Fria, especificamente entre os anos 1950 e final dos anos 1960, embora haja, em alguns pontos de contextualização, extensões breves desse recorte.

Por fim, os temas trabalhados na monografia correspondem à formação religiosa de Branham dentro do contexto histórico americano, que nos trará temas específicos, como anticomunismo, americanismo, o papel da mulher na sociedade perante o conservadorismo religioso e, por fim, o antikatolicismo e suas simbologias; dialogando com historiadores como Hobsbawm, Christopher Hill, Leandro Karnal, Michelle Perrot, entre outros, além de textos teológicos para melhor compreensão das questões abordadas.

Quanto aos capítulos, no primeiro deles apresentamos termos de cunho teológico que serão importantes para a compreensão de todo o texto, como o termo milenarismo, e apresentamos a contextualização da formação religiosa de William M Branham e da pregação utilizada como fonte na pesquisa, e por fim haverá a contextualização histórica, cultural e política da sociedade americana correspondente a temporalidade do pregador religioso e de sua obra. Neste capítulo também deixaremos claro nosso recorte temporal, bem como as fontes primárias utilizadas nesta pesquisa.

No segundo capítulo tratamos de temas específicos presente na pregação “A era de Laodicéia. Anticomunismo, o papel da mulher na sociedade e as mudanças culturais na sociedade americana durante os anos da Guerra Fria serão contextualizados e analisados diante do conservadorismo religioso de William Branham que verá todos estes temas como sinais dos fins dos tempos. Observaremos a relação entre cotidiano, realidade histórica com as compreensões do sagrado, que direta ou indiretamente, terão influência na política e na cultura da sociedade estadunidense.

Por fim, o terceiro e último capítulo tratará do antikatolicismo de Branham dentro do contexto histórico de sua sociedade, correlacionado ao antikatolicismo de tradição protestante que tem séculos de antecedência ao dele. Sua peculiaridade está na temeridade de uma possível ascendência política e econômica da Igreja Católica não somente na sociedade americana, mas em todo o globo, e neste aspecto, sob um olhar fundamentalista, tece críticas ao ecumenismo cristão do século XX, vendo nele representações do Anticristo e comprovação do “fim da história”.

CAPITULO 1: FORMAÇÃO RELIGIOSA E CONTEXTO HISTÓRICO DE WILLIAN M. BRANHAM

“(…) Nestes dias do sétimo mensageiro, nos dias da Era de Laodiceiana, seu mensageiro revelará os mistérios de Deus como revelou a Paulo.¹” Citação tirada de uma pregação transcrita de Willian Branham, que pode dar ao leitor uma primeira impressão de ser um texto de comentários religiosos; longe disso, neste presente trabalho de pesquisa monográfica pretendo analisar um discurso religioso dentro de uma perspectiva histórica, utilizando alguns termos e conceitos de cunho e definição teológicos para melhor compreensão e entendimento do texto.

De antemão, o transcorrer do texto se dará numa busca por entendimento histórico de como um pregador religioso constrói sua narrativa histórica sobre o milênio de Cristo. Desde já, informo que não se trata de um historiador acadêmico, ou ao menos amador, mas sim sobre uma figura religiosa que analisa a sociedade de sua época segundo interpretações advindas de suas leituras bíblicas e experiências religiosas, construindo assim discurso quase ou até mesmo teleológico sobre a História.

Se para Marc Bloch a ciência histórica pode ser compreendida como a “Ciência dos homens(...) dos homens, no tempo”², para o religioso cristão qualquer, sob um prisma mais fundamentalista, a História é vista como a ação de Deus nos homens e nos tempos. Para o discurso religioso, tão despreocupado, a priori, com fontes, documentos, análise de textos, a História serve, como veremos aqui, como afirmação de um entendimento definidamente religioso sobre a sociedade. Categorias de duração, análise social, interdisciplinaridade, outros tantos conceitos estão fora de cogitação nas pregações religiosas, mas sim os “fatos”, em especial econômicos e políticos, para “comprovar” e fortalecer uma pregação apocalíptica.

As pregações religiosas, de cunho milenarista, assim como os escritos bíblicos, são permeadas de simbologias, metáforas e códigos de comunicação, isto é, têm uma linguagem muito simbólica, que permite, fora de um estudo crítico bíblico e teológico, uma diversidade de temas e interpretações que necessitam de uma contextualização histórica, a saber como e quando e para quem e em que sentido foram produzidas. Vale ressaltar que as pregações religiosas, tanto as que serão aqui analisadas quanto as milhares espalhadas pelo mundo, têm e são criadas sob uma escolha política, ainda que de forma indireta, ou até mesmo subsumida.

¹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960, p.57.

² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2001, p. 55.

Como bem descreve e analisa Christopher Hill, ao tratar das guerras civis e Revolução Inglesa do século XVII, “Desde o começo, a Bíblia havia sido uma criação política.”³ A constituição e a definição da Bíblia, ao longo dos anos, esteve atrelada a diversas definições políticas, assim como as interpretações advindas dela. Assim, ressaltamos que o objeto de pesquisa deste presente trabalho também teve suas escolhas políticas, que serão analisadas aqui.

Para melhor compreensão da análise, é importante conceituar o termo milenarismo, que advém do termo bíblico milênio, correspondente “ao período de mil anos mencionado em Apocalipse 20.2-7 como o tempo do reinado de Cristo e dos santos sobre a terra.”⁴, antecedendo na narrativa bíblica o juízo final. Portanto, o milenarismo corresponde ao conjunto das mais variadas interpretações bíblicas sobre o milênio correlacionadas aos aspectos históricos, culturais, políticos e sociais dos produtores dessas interpretações, utilizando até mesmo de predições perante os fatos de sua contemporaneidade mediante às compreensões de suas realidades sociais junto às interpretações da Bíblia. Momentos de efervescência política e social em sociedades religiosas surgem em variadas teorias milenaristas, exemplo disso “Na Inglaterra, acontecimentos nos meados do século XVII, o período da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas foram pontos altos da expectativa apocalíptica nessa tradição. O milenarismo (...) tem sido um destacado aspecto dessa tradição apocalíptica protestante.”⁵

As fontes e documentos aqui analisados são pregações traduzidas e transcritas do já mencionado pregador evangélico William M. Branham⁶. A atenção da pesquisa se concentra mais na pregação intitulada “A era de Laodicéia”, por nos trazer mais aspectos interpretativos da contemporaneidade do pregador. Vale ressaltar que as mensagens⁷ utilizadas na pesquisa, na versão portuguesa dessas, são traduzidas por pastores e missionários da Igreja Tabernáculo

³ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.89.

⁴ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p.675.

⁵ Idem. p. 77.

⁶ As fontes que utilizo são duas pregações feitas por Branham, *A Era de Éfeso* e *A Era de Laodicéia*. Minha escolha se justifica devido estas pregações estarem correlacionadas em temas como anticatolicismo, e também por trazerem mais aspectos acerca do que Branham compreende da sociedade americana de seu tempo (As compreensões acerca da cultura, política e sociedade americana estão mais evidentes na pregação *A Era Laodicéia*). Utilizo também uma biografia intitulada “O Profeta do Século XX”, organizada por membros da Igreja Tabernáculo da Fé, que nos fornece informações acerca da formação religiosa de Branham e os aspectos “místicos” na intenção de colocá-lo como o profeta do século passado. Todas as fontes, em suas referências, estarão presentes nas notas do texto.

⁷ As mensagens ou pregações que utilizo podem ser encontradas em sites da Igreja Tabernáculo da Fé em formato PDF, ou ainda fornecidas pelas igrejas. Também podem ser pedidas por caixa postal: Caixa Postal 15020 74501 - 970 - Goiânia – GO; Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/index.php>.

da Fé no Brasil⁸. Utilizaremos também outras pregações do mesmo pregador, procurando trechos para análises de melhor compreensão da sua mensagem e pontos que demonstram aspectos e variantes de sua realidade social.

Por sua vez, o recorte temporal, para melhor localização do trabalho, se concentra em um período Pós Segunda Guerra Mundial, tendo mais ênfase nos meados dos anos 1950 e fim dos anos 1960, tendo a Guerra Fria como grande impacto político do momento, bem como todo momento de revolução cultural no mundo ocidental, que, na análise das fontes, perceberemos tal revolução como influente nas críticas de William M. Branham, ainda que não utilize esse conceito.

Começaremos então com uma contextualização da formação religiosa de Branham para melhor compreendermos suas mensagens aqui utilizadas como fonte de pesquisa, para depois adentrarmos na contextualização histórica da sociedade americana da qual Branham fez parte, para entendermos as ligações da realidade social com a religião.

1.1 Pentecostalismo e o Tabernáculo da Fé de William M. Branham

William M. Branham⁹, ou “irmão Branham”, como é conhecido por seguidores de sua doutrina e por membros de igrejas que se inspiraram na igreja “Tabernáculo Branham”¹⁰, tem uma carreira religiosa dentro de um ambiente protestante e evangélico. Podemos perceber em suas pregações, as quais analisaremos aqui, uma interação e influência maior no contato com pentecostais norte-americanos, influenciando na organização de sua igreja e de suas práticas

⁸ As traduções são feitas através da audição de mensagens religiosas de William Branham gravadas em fitas cassetes. Obtive essa informação de membros da Igreja Tabernáculo da Fé. Não obstante, não há nas mensagens o nome do tradutor e, até o presente momento, são de difícil acesso a obtenção do áudio original das pregações e informações mais precisas sobre data e local.

⁹ Suas doutrinas tiveram relevância dentro do fundamentalismo pentecostal, em especial pentecostais unicistas. Branham foi um firme defensor da teoria unicista, que consiste numa doutrina antitrinitária, isto é, contra a doutrina da Trindade, conceituando, então sua doutrina unicista na compreensão de “que Deus é uma única pessoa, manifesta como Pai, Filho e Espírito, e que a água do batismo era válida se aplicada em nome somente de Jesus.” In_ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.pg. 1116.

¹⁰ Seguidores de Branham no Brasil fundaram a Igreja Tabernáculo da Fé em Goiânia no ano de 1968, em especial o pastor Joaquin Gonçalves (um dos principais propagadores das mensagens de Branham no Brasil). É perceptível que o nome da igreja remete ao título da igreja de Branham nos E.U.A. Pode-se verificar que há também grande influência e uso das doutrinas e mensagens de Branham na Igreja Tabernáculo da fé no Brasil. Ver: <http://www.apalavraoriginal.org.br/historico.php>.

religiosas. Por esse motivo, cabe-nos contextualizar o pentecostalismo com o qual Branham¹¹ teve contato, para melhor compreensão das definições teológicas abordadas por ele.

O pentecostalismo foi um movimento religioso contemporâneo a Branham, tendo de início um caráter mais popular, que, de forma geral, pode ser compreendido pela ênfase no Batismo no Espírito Santo, nos dons celestiais ou carismáticos e curas. Para melhor entendimento, cito uma breve síntese da socióloga Maria das Dores Campos Machado, que, de forma geral, mostra-nos alguns pontos de destaque da identificação religiosa do pentecostalismo:

“Criado a princípio para identificar um movimento de tradição protestante fundado nos Estados Unidos no início do século XX, o termo pentecostalismo (...) Do movimento original, pode-se dizer que tinha sua base social nos segmentos populares e sua base bíblica no livro de Atos dos Apóstolos, cuja leitura literal de que o mesmo fenômeno ocorrido com os apóstolos no dia de Pentecostes (...) poderia se repetir entre os fiéis, abrindo-lhes a possibilidade do desenvolvimento de dons carismáticos como cura, profecia, glossalia e libertação, entre outros. Mais ainda: o “batismo no Espírito Santo” - uma experiência inteiramente individual e marcada pela emoção - dependeria única exclusivamente da fé do converso.¹²

O pentecostalismo é um movimento religioso moderno bem fragmentado, em relação a denominações e práticas religiosas. Ele herda algumas doutrinas e práticas protestantes, tais como a salvação pela graça mediante a fé em Cristo, a crença nas Sagradas Escrituras como fontes de autoridade e a livre interpretação delas¹³, os sacramentos principais como o batismo¹⁴ e eucaristia (correspondente à santa ceia), e também toda uma crítica ao catolicismo. Por conseguinte, numa análise mais geral, o pentecostalismo, em suas origens, tem influências plurais em sua formação, sendo que, num sentido organizacional, litúrgico e parte das suas doutrinas herda de suas origens batistas. O próprio Branham teve origem batista antes de se relacionar fortemente com pentecostais, a exemplo de missionários fundadores das Assembleias de Deus nos EUA e no Brasil, que também eram missionários de igrejas batistas. Pode-se relacionar a tudo isso a influência dos metodistas e seus cultos nas pregações

¹¹ Utilizarei doravante somente o sobrenome Branham ao me referir ao pregador William M. Branham.

¹² MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996, p. 45.

¹³ A livre interpretação bíblica, dentro de uma lógica protestante, corresponde à leitura individual das Escrituras dentro de toda uma lógica textual e teológica sistemática, a fim de evitar heresias. Para as religiões mais populares e pouco dadas a hermenêutica e exegese bíblica, a livre interpretação pode corresponder à leitura literal da Bíblia, surgindo assim vastas interpretações sobre o texto bíblico.

¹⁴ Todo um conjunto de sacramentos católicos, dentro de uma leitura protestante, são abolidos por parte de reformadores e permanecem o batismo e a eucaristia; o batismo é uma questão controversa, que ampliará intensos debates com o passar dos anos, desde questões de se haver necessidade ou não do batismo indo até a forma de executá-lo e também acerca da idade batismal. Os pentecostais herdaram dos batistas o batismo por imersão e com o converso tendo idade mais adulta, ou seja, abolindo o batismo de crianças.

ardorosas tidas como “avivadas” nas pregações e mensagens pentecostais, bem como também a questão da santificação, correspondente a práticas de aperfeiçoamento da fé e distanciamento da vida secular e aperfeiçoamento da vida cristã, entendida na santificação.

As igrejas pentecostais, dentro de uma periodicidade histórica, surgem no início do século XX, sob diversas denominações, espalhando-se pelo território estadunidense e ganhando grande número de adeptos nos países latino-americanos. De início, têm um caráter de uma religiosidade popular, atraindo adeptos provenientes da base da pirâmide social, pessoas marginalizadas devido a questões de industrialização, urbanização e também por questões de contradições sociais. Prova disso é o crescimento do pentecostalismo nos grupos afro-americanos, encontrando, de certa maneira, alívio e motivação na luta contra as injustiças raciais. Também houve adeptos pentecostais vindos de igrejas protestantes devido tanto à sua questão social quanto à necessidade de expressão religiosa um pouco mais desprendida de formalismos, se assim podemos dizer.

Podemos acrescentar que o fundamentalismo encontrará terreno fértil nas igrejas pentecostais e William Branham será um firme defensor do fundamentalismo pentecostal, ainda que não assuma¹⁵. O termo fundamentalismo ou fundamentalista “surgiu em 1920 nos Estados Unidos, como termo com que o editor Curtis Lee Laws (1868-1946) usou para designar seu grupo partidário antimodernista na Convenção Batista do Norte. Logo passaria a significar ampla coalizão de protestantes evangélicos colocados em luta militante contra a teologia modernista (...) e contra alguns aspectos de secularização da cultura moderna.”¹⁶. Posto em tratados e artigos sobre os fundamentos da fé cristã, organizado por protestantes contrários ao liberalismo religioso e teorias científicas, tendo como ponto comum “conceito da infalibilidade da bíblia, que é considerada uma fonte absolutamente autorizada e digna de total confiança para o correto conhecimento de Deus e sua atividade. Seus adeptos se opunham à crítica bíblica...”¹⁷, isto é, o fundamentalismo se coloca a favor da interpretação

¹⁵ Na verdade, Branham entende de forma crítica a denominação religiosa como identificação de qual igreja, seita ou confissão religiosa o cristão faça parte. Para ele, a igreja se denominar e constituir suas “regras e normas” a limita dentro da revelação contínua, evolutiva, linear e temporal que Deus concede para o aperfeiçoamento da “Igreja Noiva” que culminará na consumação das “eras”, no eminente e necessário milênio de Cristo. Isso fica evidente quando ele diz “Nós não pertencemos à igreja. Nós pertencemos a Ele. Sua Palavra é lei. Cremos, dogmas, leis privadas e constituições não têm nenhum efeito sobre nós. Sim, é Ele: Jesus, Quem anda sozinho em meio das Igrejas.” In_ BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960. pg.15. Logo podemos entender o motivo dele não se comparar ou unir suas doutrinas aos pentecostais ou qualquer outro tipo de denominação religiosa, ainda que sua prática o coloque entre os pentecostais.

¹⁶ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 451.

¹⁷ Enciclopédia Mirador Internacional. *Protestantismo, Capítulo 6.2. O Fundamentalismo*. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda: São Paulo, Rio de Janeiro, Tomo 17, 1973, p. 9370.

bíblica de forma literal, entendendo as Escrituras como fonte inerrante das mensagens de Deus aos homens, sem a necessidade de uma crítica histórica, contextualizada e cultural da Bíblia. Logo, a teologia, neste contexto, é importante para afirmação do literalismo bíblico. O fundamentalismo se coloca contrário a posições e teorias da ciência que possam estar em oposição ao texto bíblico. Um exemplo disso é que “o fundamentalismo se opôs à teoria darwinista da evolução, por não estar de acordo com a narrativa bíblica da criação.”¹⁸. Outrossim, o fundamentalismo não nega por total exclusão a ciência; há a tentativa de correlacionar descobertas e leis científicas com o texto bíblico, sem abrir mão de sua literalidade no sentido da criação e na compreensão da bíblia como verdade absoluta de Deus.

Diante de todo o exposto acima, observamos que nas mensagens de Branham há pontos comuns com doutrinas pentecostais, como poderemos verificar ao longo de suas mensagens, tais como as interpretações literais de textos bíblicos, ênfase em dons carismáticos como cura, visão, entre outros. Vale destacar esses pontos, pois, eles serão de suma importância para entendermos a compreensão que Branham, e até mesmo grande parte de pregadores evangélicos conservadores, tinha da sociedade de seu tempo. Um exemplo disso é quando Branham diz sobre a predição do milênio, que, para afirmação diante dos ouvintes, utiliza de dizer que teve visões vindas de Deus, pois diz ele “(...)deixe-me predizer(...)que esta era terminará por volta de 1977. (...) Esta predição está baseada numa série de sete visões maiores que me sobrevieram num domingo de junho de 1923. O Senhor Jesus me falou e me disse que Sua vinda estava se aproximando;”¹⁹.

Cabe salientar que a formação religiosa de Willian Branham se ambienta em um cristianismo mais popular, menos teológico, e sim mais aberto às interpretações bíblicas, como podemos observar em mensagens em que ele mesmo trata de sua vida e também em livros e nos sites da Igreja Tabernáculo da Fé. Já se pode imaginar que nessas “biografias” há uma exaltação acerca do próprio Branham, pois, tenta-se, junto à interpretação bíblica, comprovar e aprovar seu ministério e chamado. Porém, de primeiro momento, a leitura nos é importante para entender a formação religiosa dele, para uma melhor compreensão dentro de um contexto histórico de sua mensagem. Desde já, podemos afirmar que as mensagens biográficas, se assim podemos dizer, têm um caráter pentecostal, ou seja, pontua com ênfase os dons carismáticos e possíveis visões e profecias na afirmação de Branham como profeta, como se pode observar quando se diz, em uma de suas biografias, que “Até onde ele pode recordar, ele recebia visões que não podia entender; contudo, sempre a visão lhe falava de

¹⁸ Idem.

¹⁹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit.

algum evento futuro, nunca falhava em ter fiel cumprimento, tal e como o havia visto na visão.”²⁰

Outro ponto que nos mostra a relação de Branham com movimento pentecostal é a questão do batismo com Espírito Santo e sua dita influência na vida dos cristãos, na conversão de pecadores, no trabalho de obras missionárias e proselitistas, quando em uma de suas biografias é dito “Havendo Deus penetrado em sua vida, foi guiado a entender que o batismo do Espírito Santo era para ele. Um dia enquanto buscava a Deus, pareceu como se uma chuva celestial caísse sobre ele, e verdadeiramente caiu sobre ele e penetrou até o mais profundo de seu ser. Ele foi completamente cheio do Espírito Santo.”²¹ Na verdade, de primeiro momento, Branham, em seu início de vida cristã, tem uma aproximação com as igrejas batistas, quando até mesmo por uma delas foi ordenado pregador “Ele buscou e encontrou excelente companheirismo e ensino com os missionários batistas e logo foi ordenado para pregar o evangelho.”^{22 23}.

De certo modo, tanto nas pregações em que Branham conta sobre seu testemunho de vida e fé quanto nas “biografias” organizadas por seus seguidores, vemos uma construção narrativa que o coloca como um profeta escolhido por Deus desde a infância. Incrementam-se a esse discurso literário todo um conjunto de sinais, predições, milagres, para afirmação de seu ministério, postos, claro de uma forma ascendente correspondendo a sua “maturidade” na fé cristã, como vemos neste trecho:

“(…)quando era pressionado por seu pai e companheiros, ele intentava beber, fumar e assistir a bailes, etc., porém cada vez que o intentava, fracassava, porque no momento em que ele intentava beber ou fumar, ouvia esse som peculiar de vento soprando como um redemoinho e sentia a presença de um ser invisível, o que o atemorizava grandemente, e tinha que deixar o lugar apressadamente.”²⁴

²⁰ O Profeta do Século XX. p.17. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/ profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

²¹ O Profeta do Século XX. p.18. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/ profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

²² O Profeta do Século XX. p.17. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/ profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

²³ De certo modo, os primeiros contatos de Branham com igrejas cristãs e sua carreira de pregador religioso aconteceram nas igrejas batistas, porém, com as recorrentes visões, e sinais, que ele depositava ser de Deus, há uma aproximação com crentes pentecostais, que influenciará no conteúdo de suas mensagens, valorizando a interação da interpretação bíblica às experiências de fé individuais do próprio Branham, por esse motivo, escolhi analisar esta interação.

²⁴ O Profeta do Século XX. p.17. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/ profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

Outrossim, noutro momento, já experiente na prática de sua fé e com a constante busca de testemunhos de sua autoridade ministerial, uma das biografias de Branham declara o seguinte trecho:

Foi durante o mês de Junho de 1933, enquanto ele batizava a uns convertidos no rio Ohio, ocorreu um dos mais tremendos e melhor documentado fenômeno. Enquanto ele batizava ao converso número dezessete ante uma multidão estimada em quatro mil pessoas, apareceu nos céus uma bola de fogo cor de âmbar, a qual descia, produzindo um ruído como de um vento impetuoso, audível a todos; aquela bola de fogo desceu para ele e pousou sobre sua cabeça. Enquanto uns corriam tomados de terror, e outros se ajoelhavam pedindo a Deus misericórdia, uma voz lhe falou desde a Coluna de Fogo e lhe disse: “Assim como João Batista foi o precursor de minha primeira vinda, tua mensagem será precursora de minha segundo vinda.” Por certo, só ele ouviu a voz, enquanto os demais puderam ouvir o ruído. Isto foi exatamente como sucedeu com Paulo quando ele foi cegado por Deus e ouviu Sua voz. Os demais ouviram o ruído, porém não a voz.²⁵

Podemos observar, numa análise da construção textual dos trechos mencionados acima, a ênfase nas questões sobrenaturais, que demonstram ao leitor uma manifestação divina de aprovação e designação de funções ao homem. Percebe-se o uso, ou melhor ainda, a alusão a histórias e textos bíblicos no sentido comparativo. Com o crescimento do movimento e doutrinas pentecostais, principalmente nos meios populares, toda essa narrativa se torna, de certa maneira, atraente, diante da valorização dos dons carismáticos, ou dons do Espírito, os quais Branham e seus seguidores exploram bem em busca na afirmação de seu ministério profético.

Portanto, temos que ter em mente que tal forma de organização biográfica não é novidade, pois, nos tempos atuais, o uso de biografias que exaltam os dons carismáticos e proféticos de um religioso ainda é recorrente. No sentido textual, a ênfase em visões, curas e milagres, e a forma posta na narrativa aproximam-se, a grosso modo, da construção do texto bíblico, em especial os evangelhos, com a intenção da correlação, do uso da memória comparativa para afirmação e aceitação de uma mensagem e o pregador dela. E tudo isso não está desvinculado de uma dada realidade social, histórica e cultural vivida tanto pelos construtores de tais narrativas quanto por aqueles que virão a ler para aceitar ou criticar.

É necessário compreender que, nas entrelinhas das mensagens, textos religiosos, homilias, entre outros, há muito para se poder entender uma dada sociedade, em vários aspectos, seja de forma direta ou indireta. As interpretações dos textos bíblicos e todo conjunto de mensagens advindas deles, têm duplo sentido, isto é, trazem-nos aspectos além do

²⁵ O Profeta do Século XX. p.18. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/ profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

religioso, pois, como diria Hill, ao analisar os períodos antecedentes à guerra civil inglesa, que nos serve de base teórica aqui, que “A bíblia facilitou este tipo de linguagem de duplos sentidos. Os homens conheciam bem suas Bíblias no século XVII e assim podiam transmitir mensagens por meio de alusões feitas a ela...”²⁶. Entendamos que a sociedade americana vivida por Branham era altamente religiosa, sobretudo num caráter mais protestante, herdando, em certos aspectos, algumas características de comportamento religioso advindo da Inglaterra analisada por Hill, salvaguardando aqui os contextos históricos. Diante disso, os textos, as mensagens e pregações religiosas mostram-nos a compreensão de um grupo da sociedade acerca das questões políticas, culturais e sociais de seu tempo, e toda simbologia advinda da Bíblia servirá nesta compreensão positiva ou negativa de sua realidade e, conseqüentemente, no seu modo de vida.

1.2 Contexto histórico de Willian Branham e a produção de suas pregações

Diante de todo o exposto acima, em uma contextualização teológica, doutrinária e histórica do pentecostalismo com o qual Branham teve contato e interação, cabe-nos contextualizá-lo histórica e culturalmente, para entendermos, de maneira analítica, suas mensagens.

Branham representa as compreensões religiosas de seu tempo, o entendimento do mundo que partilhava junto aos seus seguidores e ouvintes. Seu discurso e prática de fé, como vimos, são permeados de simbologia bíblica, que, indiretamente, o faz se posicionar como um “profeta” de Deus, dotado de vários dons carismáticos para afirmação de seu ministério.

A vida religiosa de Branham se dá num ambiente histórico de intensas mudanças sociais, políticas e culturais. Branham, nos aspectos políticos marcantes do século XX, convive com a crise econômica americana de 1929, em que a “Bancarrota, desemprego e miséria social em massa caracterizaram os Estados Unidos depois do colapso financeiro do país em outubro de 1929, diante do que mais tarde foi chamado de “Grande Depressão””²⁷ em meio a duas sangrentas guerras mundiais.

²⁶ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 81.

²⁷ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 197.

Um ponto importante nesta contextualização foi a divisão do mundo em dois polos, em um plano ideológico-político, isto é, o capitalismo, comandado pelo EUA, e o socialismo dirigido pela URSS, pois, como diz Hobsbawm, “a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar(...) até a queda da URSS: o constante confronto das superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada “Guerra Fria”.²⁸. No aspecto social, aliado também aos aspectos de economia, destaca-se a crise urbana e industrial advinda do crack de 1929 e toda uma ascensão econômica americana no período Pós Segunda Guerra. Soma-se a estes aspectos uma crescente luta pelos direitos sociais, tais como as lutas dos grupos antes marginalizados pela sociedade americana conservadora, como o feminismo, os grupos sindicais, os movimentos de luta contra o racismo, entre outros aspectos, que marcarão a sociedade americana no século XX e anos vividos por Branham.

Nos aspectos culturais, “o breve século XX” – tomando emprestado o conceito de Eric Hobsbawm – também é marcado por mudanças nas concepções de família, música e sexualidade, a conhecida “Revolução Cultural” dos anos 1960 por diante. Tais mudanças terão críticas profundas de conservadores de todas as áreas da sociedade, pois, como nos mostra Hobsbawm, “A melhor abordagem dessa revolução cultural é portanto através da família e da casa, isto é, através de relações entre os sexos e gerações.”²⁹. Na verdade, num plano político, social e, quiçá, cultural o século XX é marcado por grandes e traumáticas transformações que perpassarão dos aspectos políticos ao privado, numa conjuntura histórica pós-Guerra compreendida por uma certa prosperidade econômica em algumas partes do globo.

Todos os aspectos históricos mencionados acima influenciam e muito a pregação e o posicionamento religioso sobre as transformações vivenciadas; Branham, neste momento, se torna uma fonte de compreensão destas transformações. A Bíblia e as compreensões avindas dela, ainda que de forma literais, servem não somente para uma prática religiosa qualquer, mas também como forma de se compreender a vida, as relações sociais, mostrando-nos as formas de vivência e organização da sociedade e também as resistências e “conformismos” diante do ir e vir, das continuidades e rupturas de um dado processo e realidade histórica. De antemão, podemos dizer que o conservadorismo de Branham tem um fundo político de resistência e esperança diante das diversas transformações presentes em seu tempo, isto é, resistência às mudanças tidas como contrárias a fé e moral cristã e a esperança confortante

²⁸ HOBBSAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223.

²⁹ Idem., p.314.

com sinais que, para ele, provam o eminente e necessário milênio de Cristo para conforto dos fiéis que não se “corromperam” com a vida “secular”³⁰.

O contexto histórico é influente e percebido nas pregações de Branham quando traz aspectos de sua contemporaneidade. A escolha da pregação intitulada “A era de Laodicéia” é importante por nos permitir a contextualização e entendimento histórico nas pregações de Branham, comportando uma compreensão da dialética entre realidade social vivida e compreendida junto à fé religiosa. Desse modo, como trata bem Marilena Chauí ao relacionar a história junto a compreensão do conceito de ideologia:

“(...) a história é o real e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas (família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipos de educação, formas de arte, transmissão dos costumes, língua, etc.). Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural.”³¹

Não procurando aqui entrar na discussão exausta sobre ideologia, é importante compreender que a interação da realidade social, política e cultural junto às formas de sociabilidade nas mais variadas instituições apresenta-nos como o homem compreende, vive e sobrevive nessa realidade.

De forma mais geral, as pregações de Branham manifestam sua compreensão contemporânea de sua realidade social trazendo destaques importantes como a crítica e temeridade em relação ao comunismo e ampliação da democracia, o “direito das mulheres”³² e o “temível ecumenismo religioso”³³, ponto este compreendido dentro de uma análise anticatólica de Branham.

A mensagem “A era de Laodicéia” foi pregada por Branham no dia 11 de dezembro no ano de 1960³⁴ na cidade de Jeffersonville, no estado de Louisiana, em sua igreja conhecida

³⁰ O termo “secular” aqui designa tudo aquilo que para um religioso fundamentalista e conservador corresponde a costumes e práticas não cristãs que podem ser postas como contrárias à fé e dignas de serem repudiadas pelos cristãos.

³¹ CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. p.8. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Marilena%20Chau%ED-1.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

³² Este tema poderia render muitos pontos de análise, entretanto, no decorrer deste trabalho monográfico trataremos como Branham entende e conceitua “o direito das mulheres” analisando dentro de uma conjuntura religiosa conservadora diante das mudanças nas concepções de família e revolução cultural.

³³ Neste ponto o ecumenismo religioso apresenta uma herança conceitual protestante inglesa numa crítica severa feita ao catolicismo romano, no caso de Branham, enxerga-se no ecumenismo um ponto de partida do reinado do Anticristo.

³⁴ A datação que utilizo nas notas é correspondente a encontrada nos sites da Igreja Tabernáculo da Fé, referentes a primeira vez que as pregações acerca das Eras da igreja foram pregadas no “Tabernáculo Branham”. É

e nomeada de “Tabernáculo Branham”, segundo constam informações da transcrição de sua mensagem e no site da Igreja Tabernáculo da Fé, tendo sua primeira publicação em português em 1973 por missionários brasileiros que partilhavam da doutrina pregada por Branham.³⁵

“A Era de Laodicéia” faz parte de um compêndio de mensagens pregadas por Branham a respeito das cartas às igrejas da Ásia citadas no livro bíblico neotestamentário³⁶ do Apocalipse.³⁷ Assim como nas demais mensagens Branham faz uma introdução “histórica” sobre a Laodicéia dos tempos apostólicos, sempre correlacionando e comparando com o contexto social, político e cultural de sua época. Ao longo da mensagem, a pregação é repartida em tópicos pontuais seguindo a ordem dos versículos bíblicos correspondentes à era por ele analisada. O tema central da mensagem gira em torno da continuidade das mensagens anteriores relacionadas a uma suposta restauração da “igreja noiva” ao Evangelho puro próximo da igreja primitiva.

Na leitura observaremos que para Branham a prática cristã do Evangelho foi “deturpada” e modificada pela Igreja católica e também por uma possível degradação moral dos próprios cristãos³⁸. Por fim, é necessário enfatizar que a História, ou melhor, “os fatos históricos”, para tal pregador tem papel fundamental em afirmar e confirmar suas proposições, profecias e presságios religiosos, com objetivo de “conscientizar” ouvintes,

evidente que o contexto das pregações, sejam em PDF ou nos livretos distribuídos pela Igreja Tabernáculo da Fé, nos provoca a pensar que houve acréscimos feitos pelo transcritores e/ou tradutores da mensagem ou que novas versões das pregações das Eras das Igrejas feitas por Branham foram adicionadas nos livretos. Prova disso é a referência ao Papa Paulo VI e sua visita a Jerusalém que se dá em anos posteriores a 1960, quando Branham trata do ecumenismo (Tema este que será trabalhado no terceiro capítulo deste trabalho).

³⁵ Ver <http://www.apalavraoriginal.org.br/wbranham.php>.

³⁶ Termo referente ao Novo Testamento da Bíblia ou ao conjunto de livros que compõem o mesmo.

³⁷ As igrejas descritas no livro bíblico de Apocalipse em ordem são Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia, nos capítulos II e III deste livro. Branham elenca aspectos políticos, econômicos e culturais gerais de cada igreja (não explicitando onde obteve esses dados, sugerimos que seja em alguns livros de teologia sobre o apocalipse). Logo elenca um religioso referente a cada uma das igrejas, claramente fora do contexto bíblico, transpondo a narrativa bíblica aos religiosos e sociedades por ele mesmo entendidas como referente a cada “era da igreja”. Há uma interpretação linear, evolutiva e “teleológica” acerca das eras da igreja indo de Éfeso que data o primeiro século, tendo como mensageiro o apóstolo Paulo, até à Laodicéia, correspondendo a contemporaneidade de Branham, ou seja, o século XX, deixando em aberto o mensageiro correspondente a esta era. Seguidores de Branham o colocarão como o profeta ou mensageiro da Era de Laodicéia, tal “era” tem ou terá seu fim no possível milênio de Cristo como já dissemos antes.

³⁸ A crítica ao catolicismo romano como degradador dos costumes cristãos e toda uma simbologia negativa da Igreja Católica feita por Branham mostra-nos toda uma influência Protestante em suas pregações que pode estar relacionada a herança do ramificado protestantismo inglês em sua antiga colônia americana. Diante disso, nos mostra Hill, acerca da crítica simbologia anticatólica dos ingleses dos séculos XVI e XVII que “Em 1570, Willian Fulke pregou um sermão em que demonstrava que Roma era a Nova Babilônia. Segundo as palavras proferidas por Thomas Manton, em 1658, ‘Antes de tudo Deus chamou seu povo para fora da Babilônia através da Reforma Luterana’ in_ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 162. Branham, séculos mais tarde, entenderia da mesma forma a Igreja como Babilônia, porém Deus retira seu povo dela não somente pela Reforma, mas também pelas “revelações” acerca das eras, em especial a de Laodicéia.

leitores de suas mensagens da iminente volta de Cristo à sua igreja, exigindo uma preparação necessária pra aceitação do próprio Cristo diante de sua igreja.

A utilização das igrejas descritas no livro bíblico de Apocalipse correlacionada à teoria de “Eras da Igreja” não é novidade em Branham. Livros de teologia, dicionários teológicos e também historiadores mostram essa percepção na Idade Média, caso da obra de Agostinho, em sua obra “Cidade de Deus”, como presente no dicionário teológico aqui utilizado, que diz “O interesse dominante dessa obra e a história da salvação, baseada na concepção cristã comum dos sete dias-eras do mundo. A era da igreja é no sexto dia, anterior ao sábado eterno e o milênio de Apocalipse 20.”³⁹. Não há como, de maneira objetiva e direta, correlacionar ou mesmo afirmar se a obra de Agostinho teve influência sobre o que prega Branham acerca das “Eras da Igreja”, contudo, ele mostra a utilização de livros da “história da Igreja” escritos por historiadores, segundo ele “imparciais”, que levaram à conclusão das pregações da Sete eras da Igreja, tendo aí um possível contato com a obra de Agostinho ou de outros religiosos milenaristas, então, Branham diz que:

“Afim de que você possa entender completamente a Mensagem das Eras da Igreja, eu gostaria de explicar os diversos fundamentos que me permitiram chegar aos nomes dos mensageiros, o tempo de cada era e outros fatores importantes. Desde que este estudo deveria ser o mais importante que eu já empreendi até este tempo, busquei a Deus por vários dias para encontrar a inspiração do Espírito Santo. Somente então eu li as Escrituras sobre as Eras da Igreja e estudei profundamente a história da Igreja, escrita pelos historiadores mais imparciais que pude encontrar. Deus não falhou em responder minha oração, porque enquanto eu lia a Palavra e a história, fui dirigido pelo Espírito Santo, e vi desenvolver-se um plano que corre através dos séculos até o tempo final, este último dia.”⁴⁰

É interessante que Branham não cita ou tampouco dá referência de quais historiadores utilizou para construir sua teoria milenarista, e o termo “imparcial” não é bem explicado, embora possamos perceber que tal imparcialidade para ele possa corresponder a opiniões, formações e partidarismos religiosos que tais historiadores possam ter. Branham partilha da noção da História desprendida das subjetividades e experiências de quem a escreve; o trabalho do historiador para ele está próximo da história metódica, factual e politiqueira tão criticada pelas novas correntes historiográficas do século XX. Portanto, compete-nos contextualizar historicamente a mensagem pregada por Branham.

Os anos 1960 e 1970, que trazem maior influência na pregação “Era de Laodicéia” de Willian M. Branham, são marcados pela intensa luta ideológica-política das superpotências da

³⁹ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia...* op.cit., p. 42.

⁴⁰ BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso*. Jeffersonville, Indiana: 1960, p.1.

Guerra Fria. Haja vista que o discurso anticomunista americano já se encontra, nos anos 1960 e 1970, bem solidificado, e Branham, direta e indiretamente faz parte deste discurso político e interpretativo da sociedade americana e do globo como um todo, como veremos no capítulo próprio ao tratar das questões políticas abordadas nas suas mensagens religiosas.

De um ponto de vista econômico, os EUA dos anos 1960 e 1970 podem ser analisados por uma certa prosperidade econômica crescente nos períodos pós guerras, junto a toda uma gama política pautada na estruturação do capitalismo dentro de uma lógica de liberalismo econômico mais socialdemocrata referente à organização e papel do Estado diante da economia e das políticas públicas⁴¹. Tal modelo de política econômica e organização do Estado começa a ser substituído nos anos 1970 quando, num período de crise, vai se destacar a inserção do liberalismo econômico mais pautado no livre mercado e suas novas agendas nos países europeus e no próprio EUA, destacando, daí por diante, o neoliberalismo.

Vale destacar, a partir da década de 1950, a revolução tecnológica nas áreas de comunicação e produção industrial, assim como melhoria e expansão do consumo de bens e serviços como nos mostra Hobsbawm que “Bens e serviços antes restritos a minorias eram agora produzidos para um mercado de massa(...)O que antes era um luxo tornou-se o padrão de conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone.”⁴². Podemos acrescentar também a produção industrial crescente, ampliação do mercado e também melhorias nas condições e ofertas de emprego.

Vale ressaltar que, no período entre guerras, houve, como já dissemos antes, o conhecido crack de 1929, uma crise profunda na economia e bolsa de valores americana que afetou praticamente todo o globo. A economia americana veio a ter melhoras significativas perto da Segunda grande Guerra e com o fim dela tornando-se a principal comandante do capitalismo. Entretanto, os períodos de crise trouxeram desemprego, fome, e as questões sociais foram polarizadas, a exemplo da perseguição a imigrantes ou descendentes destes junto à questão racial. Portanto, ao amenizar da crise, a recuperação da economia e certa prosperidade não eram justas e ocorria em meio a intensas lutas sociais e sindicais que mostram a desigualdade presente no ideal de justiça e prosperidade americanas. Como mostra Sean Purdy, a indústria cultural, de certa forma, trazia representações das desigualdades e dos

⁴¹ Hobsbawm, ao analisar esse período de prosperidade econômica dos anos 1950 aos anos finais da década de 1970, vê a questão do liberalismo junto às políticas econômicas da seguinte forma: “Essencialmente, foi uma espécie de casamento entre liberalismo econômico e democracia social (ou, em termos americanos, política de New Deal rooseveltiano)...” in_ HOBSBAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 265

⁴²Idem., p. 259.

problemas políticos e sociais avindos da crise de 1929: “O impacto da crise econômica e as novas alternativas políticas chegaram a influenciar muito a indústria cultural, como o cinema. Os populares “filmes de *gangster*” relataram o desolado pano de fundo da vida na depressão, com seus políticos corruptos e sua miséria econômica.”⁴³ .

É evidente que a prosperidade econômica mediante a noção de consumismo americano ganha força a partir dos anos 1950, período de solidificação dos EUA como superpotência do globo, elevando índices do PIB e de produção industrial e tecnológica. Contudo, “os ganhos sociais e econômicos da guerra foram limitados e eventualmente enfraquecidos no consenso pós-guerra. O patriotismo estrito, fomentado em tempos de guerra, e os preconceitos raciais, há muito existentes, resultaram em violações contínuas de direitos civis, especialmente contra negros e a população nipo-americana.”⁴⁴. Não obstante a questão de consumo começa nesse momento a ser vista correlacionada a cidadania, como nos mostra Sean Purdy que

“Esta “sociedade de consumo” – na qual a capacidade de consumir era vista como o principal direito da cidadania – não foi plenamente realizada até depois da segunda Guerra Mundial. Não há dúvida, porém, de que a promessa de consumo em massa brotava no período. A nova indústria de propaganda e marketing – ajudada pelos jornais, revistas de grande circulação e rádio, que atraía grande audiência – disseminou a ideia da liberdade associada ao consumo em oposição à ideia da liberdade associada a mudanças nas relações de trabalho. A busca por autonomia econômica e soberania política foi substituída, nas mentes de muitas pessoas, pelas possibilidades de consumo como o elemento essencial de felicidade e cidadania.”⁴⁵

Branham, em certo aspecto, tem uma visão um pouco pessimista da questão da prosperidade econômica da sociedade americana de seu tempo. A sociedade de consumo para um religioso que enxerga sua sociedade próxima do fim dos tempos não corresponde a um exercício pleno de cidadania ou tão pouco a questão de liberdade. A liberdade, para ele, pode estar associada à compreensão da mensagem do Evangelho, no caso a aceitação do que ele

⁴³ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p. 212.

⁴⁴ Idem. p.218.

⁴⁵ Idem, p. 198.

entende por revelação de Deus mediante a compreensão que o mesmo Branham tem da sociedade e do cristianismo de seu tempo.

Ao transpor aspectos da Laodicéia bíblica para a “Laodicéia” de seu tempo, ele vê uma sociedade mais dada a consumismo e ganhos materiais a se preocupar com Deus e com a fé cristã. Isso é evidente quando ele diz:

“A cidade era rica, tinha muitos habitantes ricos. Foi uma cidade de muita cultura. A ciência abundava. Quão semelhante a hoje! As igrejas são ricas. A adoração é formosa e formal, mas ao mesmo tempo fria e morna. A cultura e a educação tem tomado o lugar da Palavra dada pelo Espírito, e a fé tem sido superada pela ciência. Tudo isto demonstra que o homem é uma vítima do materialismo.”⁴⁶.

Na lógica do pregador religioso, o materialismo, além de corresponder à prosperidade econômica americana, junta-se ao crescimento da ciência nos meios seculares e religiosos, que torna a fé cristã, ao seu ver, corrompida e distante do que ele compreende como Evangelho e Palavra de Deus. Noutro momento, em uma crítica as igrejas cristãs, de forma geral, junto à crítica à prosperidade econômica, Branham diz que “O dinheiro tem fluído em mãos da igreja tão abundantemente que diferentes denominações são possuidoras de ações e bônus, fábricas, poços de petróleo, e companhia de seguros.”⁴⁷. Pode-se apreender, nas entrelinhas da mensagem, que Branham compreende a vida cristã distante das riquezas materiais e das ciências seculares, pois estas são passíveis de desviar o homem de Deus, corrompendo sua fé.

Em linhas gerais podemos destacar um outro ponto importante que é a questão do mudanças sociais e culturais que entram em confronto com o conservadorismo. Branham faz parte do discurso conservador americano, ainda que não o assuma. Vale ressaltar que o conservadorismo não se resume apenas na religião, ele está presente em todas as esferas da vida humana, entretanto o conservadorismo religioso colabora com o discurso político conservador.

A mensagem “Era de Laodicéia”, com toda simbologia e referências às Escrituras Sagradas revela um mundo em ruína moral, ou seja, as mudanças culturais, sociais e até mesmo econômicas são relacionadas a corrupção e desmoralização do indivíduo e das pessoas. A compreensão das efervescências culturais e sociais, no discurso conservador religioso, não é obtida por um estudo criterioso, analítico das ciências humanas ou por dados quantitativos que podem ser comparados com a realidade social ou tão pouco por pesquisas de

⁴⁶ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p. 1.

⁴⁷ Idem, p. 30.

censo, por exemplo. O censo, a análise, a comparação, a discussão e debate estão pautados nas compreensões advindas das Escrituras; os textos religiosos ajudam a compreender a realidade e a realidade também colabora na compreensão, apreensão e aplicação da religião na vida prática.

Hobsbawm define bem esta questão, embora fale dos vários conceitos novos produzidos pelos intelectuais do século XX, pois diz ele que “Quando enfrentam o que seu passado não as preparou para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo ou entendê-lo”⁴⁸. O conservadorismo de Branham e suas interpretações da Bíblia servem para a compreensão do desconhecido que, por sua vez, se encontra nas novas e variadas posições políticas, nas novidades culturais, nas igrejas cristãs envolvendo com a política e participando da prosperidade econômica de seu país. Logo, a Bíblia é a principal referência para compreensão e conceituação do “desconhecido”, a Bíblia servirá para compreender a economia, o Estado, a política, as famílias e será “autoridade” ao conservadorismo de Branham. Neste aspecto, ele não difere muito da sociedade inglesa do século XVII – é evidente que estamos falando de épocas e gerações e contextos históricos distintos, mas, para melhor compreensão da análise – portanto, bem como diz Hill que “No século XVII, a Bíblia era aceita como um elemento central a todas as esferas da vida intelectual: não era apenas um livro “religioso”, no sentido moderno e restrito da palavra religião.”⁴⁹.

Por conseguinte, o contexto cultural dos EUA no Pós-Guerra é marcado por questionamentos profundos acerca da família e da sexualidade. Os movimentos sociais em favor dos direitos civis, contra a discriminação racial se consolidam e se fortalecem mais ainda na luta contra a segregação racial, especialmente nos anos finais de 1950 e década de 1960 por diante. A cultura, seja ela na forma mais conservadora ou mais radical, se assim podemos dizer, é amplamente utilizada no cinema, televisão, teatro, entre outros, reforçando mais ainda o conceito de indústria cultural.

Há o uso político da indústria cultural, seja para reforçar o ideal da família tradicional nuclear, o idealismo do modo americano de vida ou para trazer críticas à sociedade americana e seu ideal de estabilidade social e econômica, revelando-nos aspectos das dualidades, dos paradoxos e das fortes contradições sociais e culturais americanas. Se por um lado o “Muito da indústria cultural reforçou atitudes homogêneas, “brancas” e acauteladas em favor do

⁴⁸ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p. 282.

⁴⁹ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII...* op. cit., p. 28.

capitalismo, do consumo e da conformidade social.”⁵⁰ exaltando e propagando as glórias do mercado, do capitalismo, o modo de vida americano por outro lado “a televisão e o cinema podiam expressar de forma não intencional as contradições da sociedade americana. Ao mesmo tempo em que eram tratados como subordinados, muitas mulheres, trabalhadores e jovens eram encorajados a abraçar ideias de igualdade e liberdade.”⁵¹.

É evidente que os grupos que passam a questionar as contradições políticas e sociais, seja no âmbito de movimentos sociais ou através indústria cultural, serão amplamente criticados e combatidos pelos setores conservadores da sociedade, seja no discurso ou na repressão do Estado. Branham é um exemplo disso e critica “Hollywood”, a indústria cinematográfica americana, por influenciar na mudança das vestimentas das mulheres, pondo a discussão na questão da insubordinação da mulher ao homem, direcionando a discussão na crítica conservadora contra os direitos políticos das mulheres, quando diz que

“Agora eu sei que as mulheres não estabelecem as modas. Hollywood faz isso. Porém escutem-me senhoras, ainda se vendem tecidos e máquinas de costura. Vocês não estão obrigadas a comprar os vestidos que vendem nas lojas e logo usar isso como pretexto. (...) Ele deu um mandamento para as irmãs usarem o cabelo comprido. É sua glória. Quando vocês cortam o cabelo, significa que vocês desprezaram a autoridade de seus maridos. Semelhantes a Eva vocês saem e continuam por sua própria conta. Vocês conseguem o direito do voto. Vocês exercem empregos de homens. Vocês deixam de ser mulheres.”⁵².

Neste trecho, acima mencionado, podemos verificar toda crítica a mudança no comportamento social, político e sexual da mulher é visto de forma negativa e contrária as posições bíblicas de Branham, haja vista que grande parte dos religiosos cristãos conservadores partilharam desta mesma análise e opinião. As referências e o uso do texto bíblico para tal crítica reforçam a compreensão que a Bíblia é posta como ponto central no entendimento da sociedade, abrangendo temas além da mera prática religiosa.

Observamos que o posicionamento de Branham tem como pano de fundo a crítica à luta pelos direitos civis. Haja vista que a luta por direitos e liberdade tem como atores principais os movimentos feministas, somados à modificação do papel da mulher dentro da família e às novas concepções de família, à inserção da mulher no mercado de trabalho em empregos antes postos somente aos homens, modificando também a economia familiar,

⁵⁰ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p.232.

⁵¹ Idem. p. 233.

⁵² BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p. 32-33.

destaca-se também a questão do divórcio, que nos anos 1960 por diante aumenta nos EUA, como nos mostra Purdy que:

“Houve um crescimento constante na proporção de mulheres casadas economicamente ativas: em 1960, um terço trabalhava fora de casa, complicando a ideia do “salário familiar” centrado no homem, o coração da ideologia sexual dominante. Essa tendência contribuiu para o uso crescente de contraceptivos, práticas de aborto e atitudes diferenciadas com relação a sexo, resultando numa pressão das mulheres para transformações nas práticas médicas e nas leis que regulavam a reprodução e a sexualidade.”⁵³.

Para Hobsbawm, tais características apresentam um conjunto de mudanças drásticas na família, ou na concepção de família nuclear, entendido como crise da família tradicional, pois, diz ele que “A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria, a procriação.”⁵⁴. Portanto correlacionando-o à nossa análise vemos que as instituições cristãs, tal como a comunidade religiosa em torno de Branham, mesmo antecedente às décadas de 1960 já sentiam, viam e conviviam com as mudanças dramáticas no campo da família e da sexualidade, tidas por muitos como aspectos negativos da civilização humana, que denotavam crise moral e ética da sociedade.

Por fim, diante de tais questões, o contexto político também é importante para análise das pregações de Branham, já que os contextos políticos e culturais, de certa maneira, estão interligados e também, ao longo da discussão, trouxemos aspectos políticos na contextualização, cabendo-nos agora tratá-los de maneira mais clara, objetiva e específica nesta contextualização.

A política americana no Pós-Guerra estava enquadrada na defesa, manutenção e progresso do capitalismo no globo, ainda que os poderes políticos se alternassem entre os Partidos Republicano e Democrata. Contudo, a agenda política, utilizando das políticas econômicas liberais, direcionavam o país em busca da prosperidade e do fortalecimento dos EUA como potência capitalista e como defensor da “democracia” e liberdade. O contexto político reforça mais ainda a questão do ideal e das práticas anticomunistas, ou seja, a guerra fria, dentro dos aspectos de discurso e ideologia, também marca as questões políticas. Na época em que Branham pregou em sua igreja a mensagem que aqui analisamos, o contexto político não diferia muito do que abordamos aqui em linhas gerais. Nos anos 1960 iniciava o

⁵³ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p. 231-232.

⁵⁴ HOBBSAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p.316.

governo democrata de John Kennedy, marcado por política externa de contenção do avanço comunista e também pela corrida espacial em disputa com URSS, entre outros aspectos. Este período é marcado pelo fortalecimento dos movimentos sociais de luta pelos direitos civis e pela Revolução Cultural. Kennedy também teve uma peculiaridade que intrigava os protestantes e evangélicos americanos, era católico, o primeiro presidente católico do país, ainda que na memória social coletiva tornou-se popular.

Para Branham, o contexto político é revelador das questões que confirmam sua teoria acerca das “eras” da igreja, correspondente ao que entende de cumprimento das Escrituras Sagradas. Nisto não vê com bons olhos a questão das mudanças e revolução cultural como já dissemos e podemos acrescentar o fato de se ter um presidente católico, ele mesmo diz “A Igreja Católica está em ascendência. Tivemos um Presidente católico e não há dúvida que teremos outro.”⁵⁵. Tal afirmativa demonstra preocupação, já que ele se posiciona de forma crítica e oponente à Igreja Católica, herdando das leituras e formação protestante e evangélica que teve ao longo de sua vida, em especial a formação batista junto a sua influência mútua com os cristãos pentecostais que viam no catolicismo a corrupção moral do Evangelho, idolatria e todo um conjunto de práticas que distanciavam o homem e a sociedade de Deus. O catolicismo não se enquadra na Igreja Noiva proposta por Branham, sendo assim, há a temeridade de se ter um presidente católico, ainda que alguns posicionamentos políticos deste presidente pudessem ser parecidos ao seu.

Ao longo da história, as interpretações diversas advindas das leituras do livro de Apocalipse trouxeram batalhas discursivas e até mesmo materiais sob a noção geral de “amigos e inimigos de Deus”, na dicotomia Cristo e Anticristo. Tais discursos não são apenas religiosos, têm também interesses ou fins políticos, diretos ou indiretos. Na Inglaterra do século XVII, e com todos seus partidarismos religiosos políticos e teorias de variadas espécies utilizando-se das interpretações dos textos bíblicos, a figura do Anticristo foi direcionada contra a Igreja Católica mostrando-nos que parte da tradição protestante anticatólica perdura por anos, ainda em épocas e situações políticas tão diferentes. “Em 26 de outubro de 1642, Thomas Temple disse ao comuns “O reino de Cristo se levantará, enquanto aquele do Anticristo desabarará”, por isso, “Tomem cuidado de não serdes coniventes com o papado””⁵⁶. Por sua vez, Branham também compreende o catolicismo dentro da classificação do Anticristo, entretanto amplia mais ainda o grupo que faz parte desta categorização, quando noutra mensagem acerca das eras do Apocalipse diz:

⁵⁵ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p. 6.

⁵⁶ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII...* op. cit., p.136.

“Aquele espírito anticristo já estava infiltrando-se na Igreja, e o estava fazendo por estar agindo contra a Palavra. Pois aqui é onde tudo isto começou, na primeira era da Igreja. Já estavam negando a Palavra, e edificando seus próprios credos e filosofias em vez da Palavra. Isso é anticristo porque Jesus é a Palavra. Ser anti-Palavra, é ser anti-Jesus. Ser anti-Palavra é ser anticristo, porque o Espírito e a Palavra são um. Se você é anti-Palavra, terá que ser anticristo. E se começou na primeira igreja, teria que crescer até o fim quando prevalecesse. E isso é exatamente o que você verá à medida que recorrermos todas as eras. Começa muito pequeno na era de Éfeso e cresce em cada era até que o sistema anti-Palavra, anticristo, se apodera inteiramente, e a infalibilidade da Palavra é repudiada pelos apóstolos falsos da falsa igreja.”⁵⁷

Diante disso, a doutrina milenarista, exposta na mensagem “A era de Laodicéia” vale-se muito na luta contra as possíveis qualidades e referências ao Anticristo ou contra qualquer doutrina, sistema, práticas sociais, religiosas, políticas e culturais que se oponha ao que Branham entende como a Igreja Verdadeira, ou Noiva de Cristo, não se limitando apenas à Igreja Católica, mas elencando aí personagens variados dentro da contextualização que fizemos ao longo deste capítulo.

Por fim, após uma contextualização religiosa e histórica de Branham, continuemos a discussão de forma temática mais específica no capítulo a seguir, debatendo, em especial, as questões políticas encontradas e abordadas na mensagem “A Era de Laodicéia”, junto a toda uma análise histórica sobre o tema.

⁵⁷ BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960, p.21.

CAPÍTULO 2: “DIREITO DOS POVOS” – AS QUESTÕES POLÍTICAS E CULTURAIS NA “ERA DE LAODICÉIA”

O título deste capítulo é sugestivo para discutir como Willian Branham contempla e reage às mudanças políticas e culturais de seu tempo. A máxima “direito dos povos” é uma definição importante que ele usa na apresentação de sua mensagem, utilizando-a na comparação e transposição dos fatos e dados da Laodicéia bíblica à Laodicéia simbólica de sua contemporaneidade. O andamento de sua mensagem, nesse contexto, perpassa por temas importantes de seu contexto histórico, tais como política e religião, comunismo e papel da mulher na sociedade.

Os temas políticos e culturais analisados por Branham, segundo sua visão religiosa, estão bem dispersos no decorrer de sua mensagem, entretanto seus comentários iniciais nos revelam muito de sua posição e compreensão da sociedade de seu tempo. De início, “direitos dos povos” se torna referente a etimologia do nome Laodicéia⁵⁸ junto as características políticas, econômicas e religiosas trazidas pelo próprio Branham que logo servirão de comparação a religião e sociedade de seu tempo, Branham diz que:

“O nome Laodicéia, que significa “direitos do povo”, foi um nome muito comum e foi dado a várias cidades em honra às senhoras reais assim chamadas. Era uma das cidades politicamente mais importante e financeiramente mais florescentes da Ásia Menor. Enormes somas de propriedades eram legadas à cidade por cidadãos proeminentes. Era o local de uma grande escola de medicina. Seus moradores sobressaíam em artes e em ciências. Ela era frequentemente chamada a “Metrópole” como se fora a sede do governo de vinte e cinco outras cidades. (...) Notem o nome, Laodicéia, “direitos do povo”, ou “justiça do povo”, já houve alguma época de igreja do século vinte que tem visto todas as nações levantando-se e exigindo igualdade social e econômica?”⁵⁹

É evidente que nesta citação observamos que as características por ele mencionadas servirão para entender os EUA de 1960, principalmente a relação contextual a tudo que comentamos no capítulo anterior. A Laodicéia bíblica se compara à Laodicéia dos tempos de Branham na questão do boom financeiro e prosperidade econômica dos EUA nos Pós Segunda Guerra. As mudanças nos aspectos sociais e culturais trarão peso na organização e

⁵⁸ O nome Laodiceia tem sua origem, no nome Laodice, esposa do monarca sírio Antico II Theos, que em homenagem a sua esposa mudou o nome da cidade de Diaspole para Laodicéia.

⁵⁹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960, p. 1-2.

constituição familiar junto às mudanças políticas diante da voto feminino, luta pelo direitos civis, entre outros aspectos. Portanto, o texto bíblico⁶⁰ de referência na mensagem permitirá elencar e criticar aberta ou indiretamente a sociedade americana, diante do uso da Bíblia, como referência e compreensão de todas as esferas da vida somada às posições políticas conservadoras adotadas e defendidas por Branham.

Sua posição conservadora está presente sob vários aspectos, a começar sobre o espanto que demonstra na questão da luta pelos direitos civis, expostos na luta pela igualdade econômica e social. Observaremos que luta por direitos, melhorias e justiça sociais serão postas ao mesmo lado do crescimento do comunismo no globo, servindo de base na crítica do envolvimento de religiosos cristãos com partidos políticos, quando diz:

“Notem o nome, Laodicéia, “direitos do povo”, ou “justiça do povo”, já houve alguma época de igreja do século vinte que tem visto todas as nações levantando-se e exigindo igualdade social e econômica? Esta é a era dos comunistas, em que todos os homens devem ser iguais, ainda que isto exista somente em teoria. Esta é a era dos partidos políticos, os quais tomam por nomes Democratas Cristãos, Socialistas Cristãos, Federação Política Cristã, etc. Segundo nossos teólogos liberais, Jesus foi um socialista, e a Igreja Primitiva, sob a direção do Espírito Santo, praticava o socialismo e por isso nós devemos fazê-lo hoje(...)Verdadeiramente, a igreja e o Estado, a religião e a política, estão se unindo.”⁶¹

É importante compreender aqui que a religião cristã sob seus padrões conservadores e tradicionais protestantes, historicamente, foi influente e participativa na política e na organização do Estado americano. Branham, porém, critica aqui o crescimento tanto do modernismo religioso⁶² tanto quanto os ideais democráticos de participação política e justiça,

⁶⁰ O texto bíblico usado por Branham na produção e pregação de sua mensagem está presente no livro neotestamentário de Apocalipse, capítulo 3, versículos 14 ao 22: 14.E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: 15.Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! 16.Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei daminha boca. 17.Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu; 18.Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. 19.Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso e arrepende-te. 20.Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei e ele comigo. 21.Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono. 22.Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. In_ *Bíblia Sagrada*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 1211-1212.

⁶¹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit p. 2.

⁶² Liberalismo religioso ou modernismo religioso são termos bem genéricos para definir grupos de teólogos e escolas teológicas, que de certa forma, tem posições bem opostas ao fundamentalismo religioso, valendo do estudo crítico dos textos bíblicos, utilizando das ciências humanas, pra uma crítica mais racionalizada da Bíblia e de seus dogmas, valorizando não os aspectos místicos, mas sim a ética presente na interpretação da Bíblia. Embora o modernismo religioso tenha raízes teórica, analítica- prática e organizacionais no Iluminismo do século XVIII, sua historicidade é perceptível desde a idade Média na Igreja Católica. Ao longo da história, o liberalismo religioso tem características específicas diante cada contexto histórico, espacial e religioso. Nos EUA

que, para ele, têm influência do comunismo. A temeridade política de sua mensagem faz parte do discurso anticomunista tão presente na sociedade americana na Guerra Fria, cabendo-nos contextualizar e analisar historicamente este discurso, que para Branham tem significado religioso importante na construção e comprovação de seu discurso milenarista diante de seus seguidores.

2.1 O contexto da Guerra Fria e o anticomunismo político e religioso

A temeridade de Branham em relação às questões políticas está presente no contexto da Guerra Fria, em especial o discurso anticomunista. Como nos mostra Hobsbawm, “(...) a Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental, retrospectivamente absurda mas bastante natural(...) de que a era da Catástrofe não chegara de modo algum ao fim; de que o futuro do capitalismo mundial e da sociedade liberal não estava de forma alguma assegurado.”⁶³. Isto é, o temor de uma possível Guerra em grandes proporções estava presente no imaginário americano da Guerra Fria, servindo de base frutífera a teorias apocalíticas como a de Branham. Por sua vez, Branham pensava além da defesa do capitalismo e sociedade liberal americana perante o comunismo; estava em jogo, para ele e tantos outros religiosos participantes do discurso anticomunista, a defesa da fé cristã, que, de certa maneira, confundida como parte constituinte da nação e do patriotismo estadunidense.

De maneira geral, como bem aponta Carla Simone Rodeghero, o anticomunismo corresponde a

“(...) uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas. O anticomunismo é o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc.”⁶⁴

de Branham a Escola de Teologia de Chicago foi a principal escola teológica de corrente liberal na primeira metade do século XX, que de maneira geral, buscava “legitimidade científica a religião(...)Promovia, desse modo, um método sócio histórico para estudo dos fenômenos religiosos como conduta humana e não divina, supondo que todas as tradições teológicas deveriam evoluir com o passar do tempo.” In_ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 190.

⁶³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos- O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.228.

⁶⁴RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44., 2002 p.464.

Ou seja, o anticomunismo é bem diverso dentro da realidade política e cultural americana, e claramente as pregações religiosas estão inseridas neste contexto, mesmo que, *a priori*, venham ter um caráter religioso, mas com a análise histórico-social, percebemos a via de mão dupla na relação de compreensão política e mensagem religiosa. Podemos verificar que a religião apropria-se, de certa maneira, dos discursos políticos de seu contexto e contemporaneidade, trazendo-os para a vida religiosa. Junto ao sagrado dá novos elementos e significados para os discursos políticos e para a pregação religiosa. A bipolaridade econômica, política e ideológica torna-se combativa no campo simbólico neste momento, tornando parte também de um mundo doméstico e privado no âmbito religioso.

O anticomunismo não é apenas político, mas é também cultural, pois ajuda a reforçar o ideal de “americanismo” no período Pós Guerra e durante a Guerra Fria. De maneira geral, como mostra Rodeghero, o americanismo se caracteriza por “uma espécie de “ideologia nacional” com traços de longa data, que foram reforçados no período posterior à Segunda Guerra Mundial, especialmente na década de 1950. Estes traços são o individualismo, a crença na iniciativa privada, a defesa das liberdades políticas, um patriotismo acrítico, a valorização da religião, e a confiança nas autoridades e nas instituições.”⁶⁵ Vale observar que o americanismo, ao longo do século XX, não somente se coloca como uma oposição ao comunismo, mas também como parte de um ideal presente em políticas educacionais visando reforçar a “identidade americana” em oposição a costumes e tradições estrangeiras vindas de imigrantes e também para conter ideais socialistas, como mostra-nos Purdy que

“A obsessão, durante a Primeira Guerra, com o “americanismo 100%” resultou num esforço público e privado para “americanizar” imigrantes. Funcionários públicos, educadores, elites empresarias, igrejas e reformistas sociais lançaram programas para ensinar História dos Estados Unidos, costumes e tradições americanas, bem como inglês, numa tentativa de garantir lealdade política e a rejeição de ideais supostamente estrangeiros como o sindicalismo e o socialismo.”⁶⁶ .

O americanismo, historicamente, passa por “valores” tradicionais e conservadores, que em certos momentos esteve embebido de preconceitos étnico-raciais em defesa de uma supremacia branca americana. No período Pós Segunda Guerra o americanismo vem a reforçar e solidificar o anticomunismo já existente na sociedade americana, com os aspectos

⁶⁵ Idem, p. 466-467.

⁶⁶ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 203.

da Guerra Fria e com o “*american way of life*”, marcado pela prosperidade econômica e defesa do mercado capitalista e a “democracia” na sociedade americana.

Neste sentido, a religião cristã, seja nos âmbitos protestantes ou católicos, foi importante na produção e execução do discurso do “americanismo” e do anticomunismo, principalmente dentro de um contexto discursivo-prático conservador. As acusações de uma possível “conspiração ateia dos comunistas soviéticos” reforçava, no imaginário religioso, o combate ao comunismo em defesa da liberdade da fé cristã que, em certos aspectos, estava interligada a noção patriótica dos EUA como defensor da paz, liberdade e justiça, mais resumidamente, da democracia liberal, pois como apresenta Hobsbawm que “(...) os EUA era uma potência representando uma ideologia, que a maioria dos americanos acreditava ser o modelo para o mundo.”⁶⁷. Neste aspecto Rodeghero pondera “como o inimigo era acusado de ser materialista, o respeito pela religião também se manteve como peça importante do americanismo.”⁶⁸.

Portanto, Willian Branham faz parte do “americanismo” pós Segunda Guerra, mesmo que não compreenda que faça parte deste discurso ou assuma isso. Sua visão temerária e crítica do comunismo corrobora o americanismo e o anticomunismo americano do século XX, ainda que no aspecto religioso e milenarista. É evidente que sua pregação religiosa traz pontos específicos para esta discussão, utilizando do sagrado para afirmação e confirmação de suas proposições; entretanto, vale destacar que para Branham está em jogo também o que ele compreende como fé cristã.

A “Era de Laodicéia” é para ele um prenúncio do milênio de Cristo, e, por sua vez, os acontecimentos, os contextos ao seu redor e sua compreensão da sociedade americana servem como prova de sua interpretação da Bíblia e da partilha com sua comunidade religiosa. Destarte, sua mensagem tem um fundo teleológico que para ele está próximo de sua contemporaneidade, especialmente quando determina a periodicidade para a “Era de Laodicéia”, quando diz que “A era de Laodicéia começou por volta da entrada do século vinte, talvez durante o ano de 1906. Quanto tempo durará? Como um servo de Deus que tem tido multidões de visões, das quais não tem havido nenhuma que haja falhado, deixe-me predizer (não disse profetizar, mas predizer) que esta era terminará por volta de 1977.”⁶⁹.

O cuidado em dizer “predizer” ao invés de “profetizar” está no medo de ser entendido como falso profeta dentro de seu ambiente religioso, caso sua data final de previsão do fim da

⁶⁷ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p. 232.

⁶⁸ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n° 44, 2002, p.467.

⁶⁹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit, p.3.

“Era de Laodicéia” e conjuntamente o milênio de Cristo não se cumprissem. Logo, para afirmar seus cálculos apocalípticos, se assim podemos dizer, Branham explicou a maneira que chegou a esta predição, reforçando seu caráter de pregador e profeta religioso para seus seguidores e ouvintes, demonstrando ter visões e comunicação com Deus quando diz que

“Por favor perdoem-me esta nota pessoal aqui, esta predição está baseada numa série de sete visões maiores que me sobrevieram num domingo de junho de 1933. O Senhor Jesus me falou e me disse que a vinda do Senhor estava se aproximando, porém antes que Ele viesse, sete eventos principais sucederiam. Eu os anotei a todos e naquela manhã eu proclamei a revelação do Senhor.”⁷⁰

“(…) eu predigo (eu não profetizo) que estas visões já se terão cumprido por volta de 1977. E posto que muitos possam sentir que esta seja uma declaração irresponsável, em vista do fato que Jesus disse que “ninguém conhece o dia e nem a hora,” eu ainda mantenho esta predição depois de trinta anos porque Jesus não disse que nenhum homem poderia conhecer o ano, mês ou semana em que sua vinda é para ser completada. Pelo que repito, eu sinceramente creio e sustento como um estudante privado da Palavra, junto com a inspiração divina que 1977 deve terminar os sistemas do mundo e introduzir o milênio”.⁷¹

Por conseguinte, é necessário informar que as “visões” de Branham são elencadas de forma temporal linear, e se valem muito de “fatos” políticos importantes do século XX e em profecias que permite-nos observar sua análise da sociedade americana de seu tempo, passando por temas tais como as Guerras Mundiais, fascismo, nazismo, “corrupção das mulheres”, possível ascensão da Igreja Católica, revolução tecnológica entre outros aspectos. Entretanto, no momento, nos deteremos nas que expressam mais o anticomunismo de seu discurso.⁷²

⁷⁰ Idem, p.3.

⁷¹ Ibidem, p.5.

⁷² As visões citadas de forma completa por Branham são “A primeira visão foi que Mussolini invadiria a Etiópia e aquela nação “cairia à sua passagem.” Aquela visão realmente causou algumas repercussões, e alguns ficaram muito intrigados quando eu o disse, e não creram. Porém assim sucedeu. Ele simplesmente entrou lá com suas armas modernas e tomou conta. Os nativos não tiveram nenhuma chance. Mas a visão dizia também que Mussolini chegaria a um terrível fim, com seu próprio povo revoltando-se contra ele. Isto veio a suceder exatamente como tinha sido dito. A visão seguinte predizia que um austríaco por nome Adolf Hitler se levantaria como ditador sobre a Alemanha, e que ele arrastaria o mundo a uma guerra. Ela mostrava a linha Siegfried e como nossas tropas teriam um tempo terrível para vencê-la. A seguir ela mostrava que Hitler chegaria a um fim misterioso. A terceira visão foi no domínio do mundo político porque ela mostrou-me que haveria três grandes “ismos”, Fascismo, Nazismo, Comunismo, porém que os primeiros dois seriam absorvidos no terceiro. A voz exortava, “Observe a Rússia, observe a Rússia. Mantenha os seus olhos no rei do Norte.” A quarta visão mostrava o grande avanço na ciência que viria logo após a segunda guerra mundial. Ela era encabeçada pela visão de um carro com capota como uma bolha de plástico, que estava percorrendo maravilhosas super estradas sob controle remoto de modo que as pessoas apareciam assentadas nesse carro sem um eixo de direção e eles estavam disputando alguma espécie de jogo para se distraírem. A quinta visão tinha que ver com o problema moral de nossa época centralizando-se mais em torno das mulheres. Deus mostrou-me que as mulheres começaram a se afastar de seu lugar com o privilégio do voto. Então cortaram seus cabelos, o que significa que elas não estavam mais sob a autoridade do homem, mas insistindo em direitos iguais, ou na maioria dos casos, mais do que iguais. Adotaram roupas masculinas e se enveredaram por uma moda de trajes sumários; até a

O discurso anticomunista, de certa forma, inclusive o proposto por Branham, torna-se parte constituinte na formação identitária americana no século XX. A classificação do outro, a oposição de valores, serve no entendimento e compreensão do classificado, ainda que de forma vulgarizada e preconceituosa. Ademais classificar, conceituar e definir outro, no caso um sistema político posto como inimigo da nação americana, revela-nos a forma como o classificador compreende a si mesmo, pois como bem analisa Rodeghero “A análise do discurso e das práticas anticomunistas (...) permite não só compreender a forma como eles encaravam o perigo comunista, mas também a forma como eles utilizavam esta “batalha” para construir sua própria identidade, garantir a coesão interna e o reconhecimento externo.”⁷³.

Branham, mesmo que não como protagonista, participa nesta “batalha identitária” que enxerga o comunismo soviético como ameaça aos americanos e “cristãos” de forma geral, pois ao revelar os seus ouvintes uma visão que diz ser lhe dada por Deus, ele adverte “(...) A voz exortava: “Observe a Rússia. Mantenha os seus olhos no rei no norte”. ”⁷⁴. Noutro momento chega a colocar o nazismo hitlerista e o fascismo de Mussolini como parte constituinte do comunismo, quando diz “A terceira visão foi no domínio do mundo político porque ela mostrou-me que haveria três grandes “ismos”, Fascismo, Nazismo, Comunismo, porém que os primeiros dois seriam absorvidos no terceiro.”⁷⁵. É evidente seu desconhecimento das diferenças teóricas e práticas e dos contextos históricos entre os “ismos” mencionados, a exemplo de comunistas perseguidos pela Gestappo e mortos nos campos de concentrações na Alemanha Nazista, ou tão pouco saiba que o resultado da Segunda Guerra Mundial poderia ser diferente se o “Exército Vermelho” não entrasse na guerra “ao lado dos EUA” contra nazismo hitlerista como mostra-nos Hobsbawm que “A democracia só se salvou porque, para enfrentá-la, houve uma aliança temporária e bizarra entre capitalismo liberal e comunismo: basicamente a vitória sobre a Alemanha de Hitler foi, como só poderia ter sido, uma vitória do Exército Vermelho.”⁷⁶. Portanto correlacionar fascismo, nazismo e comunismo faz parte, ainda que indiretamente, de um discurso de defesa da democracia liberal americana

última figura que vi era uma mulher despida, exceto por uma pequena folha de figo, tipo de avental. Com esta visão eu vi a terrível perversão e estado moral de todo o mundo. A seguir na sexta visão eis que se levantou na América, a mulher mais linda, porém cruel. Ela mantinha o povo sob seu completo controle. Eu acreditei ser este o levantamento da igreja Católica Romana, embora eu saiba que pudesse se tratar possivelmente de alguma mulher levantando-se em grande poder na América devido a uma votação popular pelas mulheres. A última e sétima visão foi aquela na qual ouvi a mais terrível explosão. Quando virei-me para olhar não vi nada mais senão escombros, crateras, e fumaça por sobre toda a terra da América.” In_ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960 p. 4-5.

⁷³ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p.465.

⁷⁴ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*... op. cit, p.4.

⁷⁵ Idem, p.4.

⁷⁶ HOBBSBAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX*... op. cit., p.17.

junto ao conservadorismo político tão presente nos discursos religiosos fundamentalistas. O comunismo é confundido ao fascismo, é posto como “materialismo ateu”, ameaçador às “liberdades” religiosas e políticas americanas.

Na verdade, nesta batalha identitária, torna-se necessário delimitar, elencar e conceituar o que é colocado como oposição, seja oposição ao americanismo ou a fé cristã fundamentalista. Logo, o americanismo se caracteriza numa oposição ao fascismo e ao comunismo, que de forma proposital ou não são correlacionados, para ser combatidos como inimigos internos, em favor da liberdade e democracia, como mostra Rodeghero que “Nos livros escolares, a palavra “democracia” se tornou sinônimo de *status quo* e oposição ao fascismo e ao comunismo.”⁷⁷. Ademais, como mostra Hobsbawn, ao tratar do caráter popular do anticomunismo, “(...) o anticomunismo era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos, (“americanismo”) que podiam na prática conceituar-se como o polo oposto ao comunismo.”⁷⁸.

Vale ressaltar, que, talvez, o auge do anticomunismo na sociedade americana, se deu nos anos 1950, em especial às perseguições políticas e “policiais” organizadas pelo senador republicano Joseph McCarthy. Neste momento as perseguições aos comunistas ou a qualquer práticas que se fizessem acreditar ser de comunistas, “assumidos ou infiltrados,” eram dignas de investigação e punições severas. O anticomunismo Macarthista fortalece o ideal de americanismo nas tensas relações da Guerra Fria, porém trouxe tensões bastante significativas para a sociedade americana de seu tempo, devido a histeria das ações do senador McCarthy e conceitos próximos de uma teoria da conspiração que ele pensava haver por parte dos comunistas, que no seu entender queriam destruir a democracia e economia americana e implantar em todo o globo o “terrível comunismo ateu”, isto é, “o senador McCarthy(...)formulou a tese de que os insucessos americanos em política externa só se podiam explicar pela infiltração, no aparelho estatal, de espiões e agitadores comunistas ou de seus simpatizantes, que lhe solapavam sistematicamente a ação, a fim de permitir a vitória da União Soviética.”⁷⁹ Tudo isso levou a práticas de perseguição, acusação e prisões políticas, trazendo para a política americana da época o aspecto um tanto medieval de “caça às Bruxas”, um pouco de paranoia, pois como nos mostra Hobsbawn, “Não foi o governo americano que

⁷⁷ RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Rev. Bras. Hist.* [online], v.22, n.44, 2002, p. 467, 2002.

⁷⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p.232.

⁷⁹ BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998, p.725.

iniciou o sinistro e irracional frenesi da caça às bruxas anticomunista, mas demagogos exceto isso insignificantes — alguns deles, como o notório senador Joseph McCarthy, (...) que descobriram o potencial político da denúncia em massa do inimigo interno.”⁸⁰. Como bem define Purdy, acerca do comportamento interno e externo da política e demagogia americana nos anos 1950, “Os Estados Unidos, nesse período, tornaram-se o “World Cop” (o “policia do mundo”).”⁸¹, visando conter o avanço comunista pelo mundo.

Já nos anos iniciais da década de 1960, o governo do popular John Kennedy, o qual foi criticado por Branham por ser católico, utilizou da política externa de combate ao comunismo, fortalecendo na sociedade americana muito mais o ideal de supremacia de potência capitalista, como nos mostra Hobsbawn, do que dar ênfase ao anticomunismo macarthista dos anos anteriores. Diz o historiador que “Na verdade, como demonstra a retórica de campanha de John F. Kennedy com a clareza da boa oratória, a questão não era a acadêmica ameaça de dominação mundial comunista, mas a manutenção de uma supremacia americana concreta.”⁸², diante de um anticomunismo, no sentido ideológico-prático, mais desprovido de paranoia e de “caça às bruxas”; estas práticas, por sua vez, desde a década de 1950 aos anos finais da Guerra Fria, estariam presentes nos países aliados aos americanos.

Diante de tudo isso, o defensor da democracia liberal, ao longo da Guerra Fria, deu apoio moral, ideológico, militar e patrocínio aos golpes militares na América Latina, África, Ásia, se portando como defensor de governos ultraconservadores, ditatoriais, em prol de conter o avanço comunista e objetivando propagar o liberalismo econômico nas partes capitalistas do globo. Gaspari traz um exemplo disso, ao tratar sobre a ditadura militar no Brasil, mostrando-nos sobre relações diplomáticas entre o Brasil e os EUA, no período da ditadura, quando diz que o

“(...) ex secretário de Estado Dean Acheson, patriarca da diplomacia americana, símbolo de elegância tanto no corte de seus ternos como na conduta política com que enfrentara a caça às bruxas do anticomunismo no início dos anos 50. Defendia o bom relacionamento do governo americano com as ditaduras e dava nome aos bois: “Os Estados Unidos têm boas relações com a Grécia, Haiti, Brasil, Portugal, África do Sul e Rodésia”. ”⁸³.

Reagan, nos anos 1980, fortalece mais ainda as intervenções na América Latina, pois “a guerra fria contra o comunismo teve continuidade na chamada “doutrina Reagan”, uma

⁸⁰ HOBSBAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p. 232.

⁸¹ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p.230.

⁸² HOBSBAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p.234.

⁸³ GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 p.280-281.

política de ajuda aos movimentos anticomunistas no terceiro Mundo(...)foi no “quintal” dos Estados Unidos, o Caribe e a América Latina, que a luta contra o comunismo foi mais fortemente travada por Reagan.”⁸⁴. E essa luta, dentro de uma política externa, ia totalmente contra as ideias de democracia e liberdade americanas. Na verdade, isso só valia nos EUA, pois o “defensor da liberdade” não se hesitou em conviver com o paradoxo do apoio às ditaduras, a tortura, entre outros aspectos, em nome de sua supremacia no globo, pois como mostra-nos outra vez Purdy, “Na América Central, o governo americano treinou e bancou guerrilhas anticomunistas contra o governo socialista dos sandinistas na Nicarágua (que derrubou o ditador pró-americano, Somoza, em 1979) e providenciou assistência militar e econômica aos governos e às forças militares de El Salvador e da Guatemala.”⁸⁵.

Por fim, após uma explanação histórica necessária ao entendimento do tema anticomunismo pertencente à sociedade americana no período da Guerra Fria, voltando a Branham, não é possível afirmar que ele tivesse conhecimento ou não das práticas ditatoriais e também fascistas da política externa americana de combate ao comunismo. Como vimos anteriormente, para Branham, o comunismo soviético tinha em si, uma mistura do fascismo de Mussolini com o nazismo de Hitler. A correlação de fascismo, nazismo e comunismo em oposição ao americanismo era evidente na ideologia americana, que no aspecto mais conservador e religioso do tema, o comunismo era tido como uma ameaça existente para os cristãos.

As ameaças presentes no comunismo ateu para fundamentalistas cristãos como Branham, ainda que no plano das ideias, eram reconhecidas não somente no sentido político, mas nos âmbitos culturais e familiares também. Branham, neste sentido, voltando às suas visões proféticas, tenta pautar a crescente luta pelos direitos civis presentes no século XX ao crescimento dos ideais comunistas e, dentro desta lógica, no conceito “direito dos povos” trabalhado inicialmente neste capítulo, a correlação continua no que ele entende na degradação moral da mulher diante dos direitos políticos agora existentes para as mulheres e toda uma questão de mudanças de comportamentos e configuração das famílias, quando ele diz

“A quinta visão tinha que ver com o problema moral de nossa época, centralizando-se mais em torno das mulheres. Deus mostrou-me que as mulheres começaram a se afastar de seu lugar com o privilégio do voto. Então cortaram seus cabelos, o que significa que elas não estavam mais sob

⁸⁴ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p.261.

⁸⁵ Idem, p.261.

a autoridade do homem, mas insistindo em direitos iguais, ou na maioria dos casos, mais do que iguais.”⁸⁶ .

Agora, não somente o comunismo é tido como parte preocupante acerca da realidade americana e da fé cristã. As mudanças políticas e culturais presente na modernidade do século XX vão em confronto com o conservadorismo de Branham. Portanto, nossa análise, daqui por diante, se dará nos aspectos culturais e de organização familiar expostos na mensagem a Era de Laodicéia.

2.2 As mudanças culturais e sociais do século XX e o conservadorismo de Branham

Diante do exposto acima, as mudanças e as peculiaridades do século XX não se resumiram somente aos aspectos da Guerra Fria ou tampouco foram moldadas apenas por tal conjuntura política. As mudanças culturais e sociais do século XX trouxeram novas agendas e temas políticos, mudanças na organização das famílias e na economia familiar e foram sentidas nas religiões de cunho conservador como a de Branham, que, por sua vez, assim como fez a respeito de sua crítica ao comunismo, utilizará do sagrado em defesa de seu conservadorismo em relação a toda efervescência cultural e social de seu tempo. Deste modo, cabe considerar que as intensas mudanças políticas, culturais, a revolução tecnológica e ascensão de movimentos sociais provocam questionamentos sobre a realidade. Portanto um religioso, diante das mudanças sentidas e vividas no cotidiano busca na Bíblia e na prática religiosa respostas para tais questões e problematizações. Consequentemente, inserida em contexto e *locus* social específico – a religião, o conservadorismo bíblico junto a toda uma formação social e cultural do indivíduo – o habilita, a grosso modo, a compreender, entender e até mesmo transformar sua realidade mediante seus ideais e ideologias.

Perante tudo isso, as mudanças sociais, culturais e políticas no século XX, em especial as presentes no mundo ocidental pós guerras mundiais, “amedrontam”, de certa maneira, as instituições religiosas ligadas aos conservadorismo. No caso de Branham, toda sua homilia, mensagens, conjunto de profecias e visões, entre outros aspectos demonstram uma compreensão conservadora da realidade por ele vivida, pois há um receio com aquilo que aparentemente é novo. As novas ideias, novas práticas, novas maneiras do viver familiar,

⁸⁶ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit, p. 4.

novas músicas, novas maneiras de se vestir, os novos “ismos”, entre outras novidades, em sua maioria são vistas de maneira negativa e como ameaça latente aos “velhos costumes”, padrões e normas existentes de forma geral.

É interessante observar que o padrão de normas para um religioso fundamentalista como Branham está presente não somente nas texturas sociais e na sociabilidade que ele possa ter com membros de sua igreja e com outros grupos cristãos conservadores, por exemplo. O padrão, as normas de sociabilidade e de compreensão da realidade são pautadas na leitura e interpretação da Bíblia. É interessante, de certa forma, observar que a popularização da Bíblia e sua leitura mais leiga e desprovida de conhecimentos específicos de sua produção e contextos teológicos, históricos e sociais, permitiu posições políticas diversas na compreensão da sociedade. Ora, observamos o uso da Bíblia presente em ideias radicais em relação ao conservadorismo de dada época ora posições bem conservadoras em relação a questões de mudanças e radicalismos presentes em certas sociedades religiosas, como na Inglaterra, diante das posições contrastantes nas guerras civis do século XVII, assim como nos mostra Hill,

“A Bíblia tornou-se, portanto, um campo de batalha, para aqueles que a conheciam bem, uma seleção equilibrada das passagens podia transformar-se em respostas desejáveis para a maioria dos problemas. Nela podiam ser encontradas defesas para o *status quo* (...) mas também podiam ser lidas severas críticas aos reis, defesas aos direitos dos pobres e ataques à usura. (...). A Bíblia podia oferecer códigos através dos quais ideias novas ou impopulares poderiam ser transmitidas com menor risco.”⁸⁷

Alguns séculos depois e dentro de uma realidade histórica diferente, Branham usaria a Bíblia em um “campo de batalha” simbólico e discursivo presente nas mudanças sociais do século XX. As novidades da modernidade do século XX serão atacadas por ele em nome de padrões e normas presente na sua compreensão religiosa da sociedade.

Ademais, esse conjunto de mudanças culturais e sociais é visto de forma temerária por Branham em sua mensagem “Era de Laodicéia” e demonstra a “busca do desejo individual”⁸⁸ analisado por Hobsbawm dentro de seu conceito de Revolução Cultural. O século XX traz em si a crise das instituições e “texturas sociais”⁸⁹, que influenciavam fortemente na constituição moral, consuetudinária e comportamental dos indivíduos, evidenciando que as velhas normas estavam cada vez mais sujeitas a crítica, aceitação ou negação individuais, tornando mais perceptível o construir do individualismo moderno que

⁸⁷ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 p.85.

⁸⁸ HOBBSAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p. 327.

⁸⁹ Idem. p.328.

traz críticas contundentes e modificações nos velhos padrões, conceitos, e costumes até mesmo pré-estabelecidos. Tudo isso bate de frente às noções de família tradicional, instituições seculares e religiosas antes postas como naturais. Pois, como analisa Hobsbawm,

“O velho vocabulário moral de direitos e deveres, pecado e virtude, sacrifício, consciência, prêmios e castigos não mais podia ser traduzido na nova linguagem de satisfação dos desejos. Uma vez que tais práticas e instituições não eram mais aceitas como parte de um modo de ordenar a sociedade que ligava as pessoas umas às outras, e que assegurava a cooperação social e a reprodução, desapareceu a maior parte de sua capacidade de estruturar a vida social humana.”⁹⁰

Podemos perceber que a modernidade do século XX traz em seu bojo, como diria Berman, “uma unidade de desunidade”⁹¹ que intensifica mais ainda a razão individual e a autoafirmação, que entra em conflito direto com a resistência do discurso religioso pautado na “conservação” e manutenção de normas, padrões e costumes tidos como universais e absolutos, pretendidos ser, *a priori*, de ordem divina. Logo, podemos entender que a história pré-determinada, obedecendo a uma ordem espiritual e divina, entra em confronto com a noção do homem como sujeito de sua história.

Por sua vez, as mudanças sociais, culturais e políticas do século XX e toda esta questão da modernidade e do indivíduo traz a crítica a história pré-determinada por entidades sobrenaturais. Consequentemente os sujeitos se veem como criadores de sua cultura, de sua história, formando novos grupos, novas ideologias para se afirmarem, não necessitando, em certos aspectos, da afirmação, de uma história pré-determinada e determinante. Pois como diria Marshall Berman, ao analisar as diferentes concepções teóricas de modernidade, que “Em tempos como esses, ‘o indivíduo ousa individualizar-se’ ”⁹² e em outro momento, até mesmo de forma otimista, ao tratar de forma introdutória da questão do “ser moderno” o mesmo Berman diz que “(...) Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”⁹³, porém, para o discurso religioso conservador, tais características da modernidade e do homem moderno são vistas de forma pessimista, ameaçadora e trágica, não somente para a igreja, mas para toda sociedade, desviando o homem de Deus e dos princípios morais cristãos.

⁹⁰ Idem, p. 331-332.

⁹¹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.13.

⁹² Idem, p.21.

⁹³ Idem, p.13.

Diante disso, as mudanças que coexistem à realidade conservadora de Branham não são explicadas por ele por meio das questões da modernidade. Branham encontra na Bíblia e em seus estudos que o levaram a fomentação de sua doutrina milenarista o conforto diante da “ameaça” da corrupção moral, política e religiosa, ou seja, o milênio de Cristo se encontra perto de sua temporalidade. É evidente que na sua mensagem aqueles que são dignos de “reinar com Cristo” no milênio serão os que não se ambientam com a modernidade e/ou com as mudanças sociais culturais presentes na sociedade americana na década de 1960. O conservadorismo está presente aí nas práticas determinadas de sua interpretação bíblica, pois diz Branham que

“Agora, não haverá nenhuma só pessoa assentada no trono do Senhor Jesus Cristo que não haja vivido a Palavra. Suas orações, seus jejuns, seus arrependimentos (não importa o que você apresente a Deus), nenhuma dessas coisas dará a você o privilégio de se assentar naquele Trono. Isso será concedido somente à Noiva Palavra. Como o trono do rei é compartilhado com a rainha, por estar ela unida a ele, assim também aqueles que são a Palavra, como Ele é a Palavra, compartilharão daquele Trono. (...) Temos mostrado claramente que através das eras, como Adão e Eva caiu porque negligenciaram a Palavra(...)consequência disso causando o afastamento do Senhor do centro. Ele permanece do lado de fora chamando os Seus, que O seguem pela obediência à Palavra. Depois de uma breve e poderosa demonstração do Espírito este pequeno grupo ferido e perseguido estará com Jesus.”⁹⁴

A sua interpretação da Bíblia, somada ao conjunto de visões “fatídicas” sobre o século XX são tidas por Branham como “verdades absolutas” reveladas por Deus, permitindo, nos conceitos Igreja Noiva ou Noiva Palavra, determinar seu conservadorismo social e político e seu exclusivismo religioso que limita os aprovados de Cristo para o milênio, ou seja, os que seguem seu posicionamento religioso.

Por conseguinte, o posicionamento religioso de Branham, como vimos, em seu sentido político, é anticomunista e crítico em relação as questões de igualdade social e econômica. Nos sentidos social e cultural, Branham se porta também de forma crítica e conservadora diante da modernidade presente no século XX, que vai em oposição a sua compreensão de vida pautada na sua fé cristã. É crítico, de certa maneira, da prosperidade financeira americana, que para ele corrompe as igrejas cristãs e as distanciam de Deus, e, no âmbito político, junto ao seu anticatolicismo, vê com temeridade a eleição de John Keneddy, ainda que este partilhe de uma posição anticomunista como ele.

⁹⁴ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.52.

Branham leva sua posição conservadora, como veremos adiante, a um patamar de gênero, se assim podemos dizer. Voltando ao conceito “direitos dos povos”, as mudanças na organização familiar, o papel da mulher na sociedade é amplamente debatido e criticado em suas mensagens. Todo um conjunto de mudanças culturais, sociais e políticas relacionadas ao gênero feminino nos EUA, especialmente nos período Pós Guerra e Guerra Fria, ampliam a análise do conservadorismo de Branham e a forma como interpretava sua realidade histórica. A compreensão acerca do papel da mulher na sociedade mostra-nos a temeridade dos religiosos conservadores acerca da crise da família tradicional tida como natural, não sujeita aos processos históricos. Outra vez os velhos padrões são vistos como ameaçados, no caso agora pelos “direitos das mulheres”.

É interessante observar que os pontos principais de crítica em relação às mulheres se encontram nos aspectos de participação política e nas maneiras e formas de se vestirem. Branham correlaciona tais aspectos à imoralidade e à “rebeldia” das mulheres em relação à autoridade dos maridos e vai mais longe ainda quando na crítica afirma que elas deixam de “ser mulheres” diante de tais práticas, além de exercerem empregos antes destinados aos homens. Branham diz que “Podem vocês chamar cheias do Espírito a mulheres que andam por aí com cabelos cortados e frisados, com shorts e calças compridas e coletes curtos, pintadas como Jezabel?”⁹⁵. Esse trecho mostra que as mudanças nas formas de vestir são tidas como impudicas e imorais e não convém que mulheres que se dizem cristãs ou façam parte de uma sociedade cristã usem roupas assim ou tampouco cortem seus cabelos. O uso das referências e simbologias bíblicas é evidente na pregação de Branham, entendidas de forma literal, sem uma análise das realidades históricas e sociais de cada texto utilizado. A questão do corte de cabelo⁹⁶ e a comparação das mulheres à personagem bíblica de Jezabel⁹⁷

⁹⁵ Idem. p.32.

⁹⁶ A referência bíblica que serve de base para que Branham veja com maus olhos o corte de cabelo das mulheres ligado a desobediência aos maridos se encontra no livro bíblico de 1 Coríntios, no capítulo 11, versículos 3 ao 16. É interessante observar que Branham não leva em conta o contexto cultural em que Paulo escreveu sobre este assunto.

⁹⁷ Jezabel é uma das personagens bíblicas mais perversas. Esposa do rei Acabe tão perverso, corrupto e idólatra como ela. Jezabel é bem influente nas decisões políticas e religiosas de seu marido, e tem na narrativa bíblica um embate importante com o profeta Elias. Elias era tido como um verdadeiro profeta de Deus que sempre se posicionava contra o Rei Acabe e sua esposa Jezabel, esta por sua vez tinha centenas de profetas a seu serviço, conhecidos como profetas de Baal, acusados de espalhar a idolatria e corrupção moral na Israel do antigo Testamento. Elias desafia os profetas de Jezabel para provar que o Deus de Israel é o verdadeiro. Esse desafio consiste em sacrifícios e orações, cada um à sua divindade, para saber qual das divindades seria verdadeira respondendo as orações de seus profetas. Logo os profetas de Jezabel não são atendidos, mesmo com autoflagelo. Já a oração de Elias é respondida por Deus no altar que Elias encheu de água que prontamente foi consumida pelo fogo vindo dos céus como prova que o Deus de Elias era o verdadeiro. Elias mata os 450 profetas de Jezabel após sua oração ser atendida, porém Jezabel passa a persegui-lo. Elias foge dela e em certo tempo tem a revelação de Deus sobre o fim do reinado de Acabe e da morte trágica de Jezabel que seria

correspondem à questão conservadora de delimitar o comportamento público das mulheres e a autoridade dos maridos sobre as mesmas. O sagrado aqui não é interpretado por si só. Os valores da sociedade e o conservadorismo da família tradicional corroboram a interpretação da religião e a religião reforça esses valores. Os cabelos cortados, o uso de calças e shorts representam o desrespeito à autoridade dos homens; já que as calças, por exemplo, são tidas como roupas de homens. Jezabel, por sua vez, personagem bíblica símbolo de corrupção política, moral e idolatria, é usada para criticar as mulheres que se maquiavam ou tem uma maneira de vestir fora dos padrões aceitáveis pela religião de Branham. Também sua simbologia remete indiretamente ao envolvimento das mulheres com a política, já que a Jezabel bíblica era esposa do Rei Acabe, porém ela governava por seu marido, tomava decisões importantes e perseguia os profetas de Deus.

Em outro momento, para reforçar seus conceitos sobre as mulheres Branham diz:

“A Bíblia lhes proíbe cortar o cabelo. Deus deu o cabelo por véu. Ele deu um mandamento para as irmãs usarem o cabelo comprido. É sua glória. Quando vocês cortam o cabelo, significa que vocês desprezaram a autoridade de seus maridos. Semelhantes a Eva vocês saem e continuam por sua própria conta. Vocês conseguem o direito do voto. Vocês exercem empregos de homens. Vocês deixam de ser mulheres. Vocês devem se arrepender e voltar para Deus. E como se isso tudo não fora suficientemente mal, uma porção de vocês tomaram a ideia que as irmãs podem invadir os púlpitos e os ofícios da igreja que Deus reservou para os homens e somente para os homens.”⁹⁸

Aqui, Branham põe os aspectos de família, política e religião dentro de um mesmo patamar. A autoridade na família, a política e também os ofícios e cargos eclesiásticos são colocados como pertencentes aos homens. Fugir disso corresponde à desobediência a Deus, já que para ele os lugares e papéis sociais dos gêneros são determinados por sua interpretação das Escrituras, posta como ordenamentos do próprio Deus. As mudanças ou alterações dessa “ordem” correspondem, em primeira instância, à desobediência a Deus, e, consequentemente, à corrupção moral, cultural e política dos indivíduos, da família e da sociedade.

devorada por cães em sua morte. Por conseguinte cumpre as profecias. Acabe morre em uma guerra e posteriormente, Jezabel, quando, um dos reis que sucederiam Acabe, viria a matá-la em sua casa, no caso, o rei Jéu. Jéu foi ao encontro de Jezabel para a matar, e esta quando o avistou de longe “se pintou em volta dos olhos, e enfeitou sua cabeça, e olhou pela janela”, porém ela foi derrubada da janela por eunucos a serviço de Jéu e foi atropelada pelo mesmo, cumprindo-se a profecia de Elias, sendo ela devorada por cães, sobrando a sua cabeça, as palmas das mãos e os pés. É interessante observar que o conservadorismo e legalismo religioso, como o de Branham, usa da questão de Jezabel se pintar e dos cães devorando-a na sua morte, para criticar o uso de maquiagens por parte das mulheres cristãs e também toda uma preocupação com a aparência e roupas, tida como vaidade exacerbada a semelhança de Jezabel, sem comentar na correlação de criminalização política das mulheres. Referências Bíblicas nos livros do Antigo Testamento, seguindo a ordem: 1 Reis, capítulos 15 ao 22; e 2 Reis, capítulo 9.

⁹⁸ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit, p.32-33.

Deste modo, Branham apropria-se do discurso da família tradicional erigido durante o século XIX ligado à noção de bem para a sociedade civil. Para Branham, quando as famílias não desempenham seus papéis sociais determinados por Deus, corre-se o risco de não obter a salvação além de ser cúmplice na iminente e inevitável corrupção presente na sociedade que os cerca. A família tradicional, a autoridade paterna e marital, junto a despolitização das mulheres, são, pra Branham, aspectos ideais de vida cristã e de sociedades aprovadas por Deus. Então, torna-se evidente que a compreensão de Branham não é pertencente a sua interpretação da Bíblia apenas, ele tem em si o ideal da família tradicional como átomo da sociedade civil, tendo no papel do homem a força política da sociedade. Como mostra Michelle Perrot que “A política no século XIX é definida como domínio exclusivo do homem.”⁹⁹, também, ao analisar a divisão dos papéis sociais dos gêneros no século XIX, noutro momento diz: “O poder político é apanágio dos homens-e dos homens viris. Ademais, a ordem patriarcal deve reinar em tudo: na família e no Estado. É a lei do equilíbrio histórico”¹⁰⁰. Branham também entende assim, como vimos, ainda que em uma realidade e temporalidade histórica diferentes da analisada pela historiadora.

É interessante observar que a divisão dos papéis sociais dos gêneros entendidos de forma predeterminada ou natural não é exclusiva aos textos e pregações religiosas. As ciências do século XIX reforçavam e muito essa divisão, utilizando do conceito “diferenças dos sexos” para legitimar teorias conservadoras da época, chegando à conclusão naturalista sobre espécies com funções distintas, como nos mostra Perrot, “(...) apoiando-se nas descobertas da medicina e biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro(...) a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”¹⁰¹. Vemos aí que textos distintos em realidades diferentes carregam similaridades discursivas que darão subsídio ao conservadorismo em relação a participação das mulheres na política e em trabalhos tidos como apenas para os homens.

Podemos observar que os posicionamentos de Branham não são novidades pertencentes a ele ou ao conservadorismo americano em meados do século XX. Muito de sua compreensão sobre família, papel do homem e da mulher na sociedade, entre outros temas, são encontrados ao longo da cultura ocidental, sob diversas análises, literaturas, personagens,

⁹⁹ PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.110.

¹⁰⁰ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 175.

¹⁰¹ Idem, p.177.

contextos históricos diversos, em destaque o século XIX, momento de estruturação da família nuclear burguesa e também da família tradicional. É evidente que a cultura, ou melhor, as representações culturais, mesmo em contextos heterogêneos, permanecem por muito tempo, ainda que sofram adaptações e tenham novos significados em sociedades e temporalidades históricas diversas. Branham, por exemplo, representa não apenas a visão conservadora de seu tempo, pois tem uma formação conservadora protestante e evangélica que, de certa forma, é secular, isto é, que vem de séculos anteriores a sua própria existência e religiosidade.

Ademais, a existência e religiosidade de Branham tem seu próprio contexto histórico e, nesse contexto, a participação da mulher na política já é evidente, como nos mostra Hobsbawm, quando diz que “(...)onde se realizavam eleições, as mulheres em toda parte do mundo haviam adquirido o direito de voto na década de 1960, com exceção de alguns Estados islâmicos e, um tanto curiosamente, da Suíça”¹⁰², lembremos então que a mensagem “Era de Laodicéia” foi produzida nessa temporalidade histórica. Aliás, na década de 1960, ou mesmo nos anos antecedentes a ela, já é perceptível o aumento do número de mulheres desempenhando empregos antes destinados apenas aos homens, entretanto convivendo com estereótipos conservadores machistas e misóginos como também injustiças salariais. É evidente que este aspecto traz modificações consideráveis na economia e no orçamento familiar, que para um religioso fundamentalista e conservador há a temeridade de tal fator acentuar mais ainda a luta das mulheres por direitos iguais e o desrespeito a autoridade do marido.

Conjuntamente o feminismo, na década de 1960, ganha destaque nos movimentos sociais e se fortalece politicamente, como nos mostra outra vez Hobsbawm, que “(...)a partir da década de 1960, começando nos EUA, mas espalhando-se rapidamente pelos países ricos do Ocidente e além, nas elites de mulheres educadas do mundo dependente(...)encontramos um impressionante reflorescimento do feminismo. (...). Na verdade, as mulheres como um grupo tornavam-se agora uma força política importante, como não eram antes.”¹⁰³. Não somente o feminismo, mas demais movimentos sociais, como os de luta contra discriminação racial, cresceram, se consolidaram e tiveram força política importante no período da Guerra Fria. Consequentemente, a década de 1960 conviveu com os movimentos contra a Guerra do Vietnã, reforçando mais ainda politicamente os movimentos feministas e de igualdade racial, como nos mostra Purdy:

¹⁰² HOBBSAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p.306.

¹⁰³ Idem, p.306.

“O clima de protesto criado pelos movimentos contra a guerra e por direitos civis inspirou outros grupos oprimidos a se organizarem no seu próprio interesse, mais notavelmente o movimento feminista. Mulheres constituíram 40% da mão-de-obra economicamente ativa em 1970, mas ainda sofriam de discriminação no emprego, na família e na sociedade como um todo. A atmosfera tumultuada da década de 1960 criou condições para o ressurgimento do feminismo e de lutas contra discriminação sexual.”¹⁰⁴

Podemos acrescentar também aqui que a família passa por mudanças, a começar pela diminuição do número de filhos, casamentos mais tardios e também o aumento de divórcios. Tudo isso está interligado nas mudanças de economia e planejamento familiar, ao modelo ideal de família que, até mesmo para conservadores, incentiva a família mais enxuta, com menos filhos, haja vista que a luta das mulheres por direitos civis e políticos com o aumento e fortalecimento dos movimentos feministas somada ao surgimento da juventude questionadora, “rebelde”, servirá para questionar a família tradicional e a sexualidade, mostrando-nos novas tendências culturais e políticas, que perpassam os âmbitos doméstico, privado e também do corpo. A sexualidade, aos poucos, passa a ser mais aberta, não mais confinada aos quartos da família tradicional que, de certa forma, oprimia a sexualidade feminina e expressões sexuais fora dos padrões conservadores. Temas como liberalização sexual, sexo livre e também a homossexualidade ganham destaque, em especial em movimentos culturais de contracultura, como nos mostra Purdy

“De todos os ganhos dos anos 1960, as mudanças na vida das mulheres foram as mais profundas e irreversíveis. As posturas dominantes sobre o papel e o direito das mulheres, a sexualidade e a família se alteraram significativamente, com certos valores da contracultura (...) Em 1980, mais da metade das mulheres casadas trabalhavam fora de casa, a taxa de divórcio aumentara e atitudes mais liberais com relação à sexualidade prevaleciam.”¹⁰⁵

A cultura jovem também se torna bastante representativa acerca das mudanças culturais na sociedade americana nos anos 1950 em diante, criando novos espaços de sociabilidade, novas identidades e expressões culturais questionadoras da sociedade. A música, as artes, a moda, a literatura expressam bem essa efervescência cultural e política dos jovens. Para Hobsbawm “A cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres

¹⁰⁴ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI...* op. cit., p. 250-251.

¹⁰⁵ Idem, p.267.

urbanos.”¹⁰⁶, ainda que enriquecesse os cofres da indústria cultural que via na cultura jovem, junto ao consumismo de massa, uma importante fonte de lucros para o mercado capitalista. Entretanto, isso permitiu uma “globalização” cultural entre os jovens de nacionalidades diversas, no tocante a ideais políticos, músicas como o rock, blues, jazz, também moda, entre outros aspectos. No entanto, a influência cultural americana torna-se bastante presente em certas regiões do globo, provocando alterações significativas nas culturas regionais e nacionais.

Por fim, é necessário observar que todo o contexto histórico dos anos 1950, 1960 e daí por diante, torna-se momento de inevitável declínio moral e ético para Branham. Ele se coloca na missão de não se corromper diante das mudanças na sociedade, conservando doutrinas e costumes colocados como sinais e prova de uma vida cristã íntegra e digna da salvação de Cristo. Neste contexto, a atitude de resistir às mudanças, postas como corrupções morais de sua época, pode corresponder a uma atitude de formação identitária e de fortalecimento de uma comunidade religiosa, que ao criar todo um aparato de interpretações bíblicas, visões e profecias, cria um mecanismo de defesa de sua sociabilidade, de suas relações sociais e modo de vida que, assumida ou não, entra em conflito com as mudanças e alterações em todos aspectos da vida, advindas do movimento polivalente da modernidade, junto ao conjunto de mudanças evidentes na sociedade, pois “As instituições mais severamente solapadas pelo novo individualismo moral foram a família tradicional e as igrejas organizadas tradicionais no Ocidente...”¹⁰⁷, portanto, a compreensão bíblica somada à sua realidade faz com que Branham torne-se defensor de suas tradições religiosas e da família tradicional sob uma ótica cristã fundamentalista.

Comunismo, politização das mulheres, luta por direitos de igualdade, liberalização sexual, revolução cultural, crise da família tradicional, entre outros temas, são vistas como mudanças e pontos traumáticos pelo conservadorismo religioso e, no caso de Branham, a temeridade da Guerra Fria, somada a estes aspectos, o leva a crer que o fim dos tempos está próximo. Isso fica evidente quando Branham diz aos seus ouvintes e seguidores, perto de encerrar sua mensagem:

“O Espírito e o Profeta e a Noiva estarão dizendo a mesma coisa. E aquilo que eles disserem já terá sido dito pela Palavra. Eles estão dizendo agora, “Retirai-vos do meio dela agora e permanedei separados”. O clamor tem sido anunciado. O clamor está sendo anunciado. Por quanto tempo clamará a voz? Não o sabemos, mas de uma coisa sabemos, não clamará por muito tempo, porque esta é a última era. O que tem ouvidos ouça o que o Espírito

¹⁰⁶ HOBBSAWM. Eric. *Era dos Extremos: o Breve século XX...* op. cit., p. 323.

¹⁰⁷ Idem, p.330, 1995.

diz às igrejas. O Espírito tem falado. O pôr do sol está quase terminando na eternidade para as eras da igreja. Então tudo estará passado.”¹⁰⁸

Aqui ele se coloca como o profeta dessa última era, e quando usa da expressão “Retirai-vos do meio dela agora e permaneei separados”, faz correlação dos cristãos permanecerem distantes e resistentes às mudanças políticas, sociais e culturais de seu tempo. Prontamente, é necessário se afastar corrupção moral da Babilônia de seus dias, que, no discurso representativo, não é tão diferente da Babilônia bíblica, símbolo de corrupção moral, política e religiosa.

Enfim, diante de toda a análise aqui feita, a continuidade de nossa análise tomará um tema diferente daqueles que foram até aqui analisados. Passaremos para o anticatolicismo presente na mensagem de Branham, mas retomando análises já feitas que serão reelaboradas neste novo personagem da teoria milenarista de Branham: o temível ecumenismo religioso, tema este que reforça mais ainda seu conservadorismo político e o que ele entende como fim da História.

¹⁰⁸ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p. 58.

CAPÍTULO 3: O ANTICATOLICISMO DE BRANHAM E O ECUMENISMO CRISTÃO

O anticatolicismo é um tema amplamente presente nas pregações de Willian Branham. Entendamos que a pregação “Era de Laodicéia” faz parte de sete pregações referentes às igrejas descritas no Apocalipse e que Branham, por meio do que interpreta delas, enxerga a história da Igreja em sete eras que correspondem à restauração da “Igreja Noiva” durante os séculos. Para Branham essa restauração é gradual e sempre feita por um mensageiro-profeta referente a cada era. Vemos aí que a história da Igreja é correspondente e está interligada à história da humanidade, vista de forma linear, evolutiva e teleológica.

A “Era de Laodicéia”, como vimos nos capítulos anteriores, corresponde ao tempo vivido por Branham, no qual temas como comunismo, luta pelos direitos sociais e econômicos, as mudanças presentes no seio familiar, prosperidade financeira americana, entre outros aspectos mencionados e analisados neste trabalho monográfico, correspondem à “prova”, à evidência concreta que o milênio de Cristo e a consumação das Eras está próximo. Seu discurso, permeado de simbologia religiosa, faz parte do conservadorismo americano Pós Segunda Guerra e da constituição de uma identidade social presente no americanismo. Branham encontra na sua interpretação literal dos textos bíblicos referências para criticar a sociedade de sua época que é vista por ele em constante decadência moral mediante as mudanças sociais, políticas e culturais presentes no século XX.

Diante de tudo que analisamos, cabe-nos trazer à análise um personagem tão importante na doutrina milenarista de Branham: a Igreja Católica. O catolicismo é visto por ele de forma tão temerária e crítica quanto a revolução cultural, direito de voto para as mulheres e o comunismo. Na verdade, sua crítica anticatólica está interligada a muitos dos aspectos que analisamos, porém trazendo uma novidade ao seu discurso, o temível ecumenismo religioso cristão, que no seu entender, será chefiado, coordenado pela igreja romana.

3.1 Restauração da “Igreja Noiva” e a temida ascensão do Catolicismo

O catolicismo sempre será visto por Branham como símbolo de idolatria e corrupção, portanto, nesse aspecto, ele entende que a prática do Evangelho, a “correta” interpretação da Palavra de Deus foram corrompidas pela Igreja Católica, posta como inimiga dos verdadeiros cristãos. Logo, há a necessidade da Verdadeira Igreja¹⁰⁹ voltar-se a verdadeira prática de fé cristã, que encontra um referente na Igreja Primitiva¹¹⁰, sob a liderança do apóstolo Paulo. Branham diz que “A Igreja Verdadeira sempre se esforçará por ser igual à original do dia de Pentecostes. A Igreja Verdadeira deste dia procurará se aproximar ao que foi a primeira. E os mensageiros das igrejas, tendo o mesmo Espírito de Deus procurarão se aproximar do que foi o apóstolo Paulo.”¹¹¹. É interessante observar que Branham não leva em conta o contexto cultural, social e político da Igreja Primitiva, correlacionando-a sempre à sua temporalidade que tem um contexto tão diferente dos tempos dos apóstolos bíblicos. A História para ele é a história da “Igreja Noiva”, a restauração desta em busca de sua originalidade aos tempos do primeiro século cristão. Logo, práticas sociais e culturais que não estejam de acordo com os textos bíblicos neotestamentários correspondem a corrupção moral, cultural e até mesmo política dos homens ao longo dos tempos.

Restaurar a Igreja Noiva, portanto, entrará num discurso idealista de uma sociedade perfeita para os homens. É evidente que no sentido milenarista e fundamentalista evangélico a sociedade perfeita se consumará na Jerusalém Celestial, entretanto a aprovação de viver o milênio com Cristo e, por fim, a vida eterna na Nova Jerusalém corresponde a prática de fé e vida dos fiéis. Tais aspectos não são meramente religiosos, pois, estão, imbricados na vida política, social e cultural dentro de uma dada sociedade e contexto histórico definidos. No caso de Branham, como vimos, sua religiosidade tomará opções definidas dentro do conservadorismo americano.

Tal como analisa Hill a sociedade inglesa do século XVII, podemos analisar Branham, pois diz o historiador “A Igreja e o Estado na Inglaterra dos Tudor eram um só; a Bíblia era, ou deveria ser, o fundamento de todos os aspectos da cultura inglesa.”¹¹². Salvaguardando os contextos históricos, Branham pensava que os aspectos culturais americanos deveriam estar fundamentados na Bíblia. Sua posição conservadora mostra um descontentamento com a política americana e com a sociedade de forma geral, que, para ele, está se distanciando dos

¹⁰⁹ Verdadeira Igreja ou Igreja Noiva são termos utilizados por Branham que se referem ao que ele entende como igreja e prática cristã perfeitas.

¹¹⁰ Igreja Primitiva se refere a igreja ou ao conjunto de igrejas lideradas pelos seguidores de Cristo, conhecidos como apóstolos. Sua temporalidade histórica está presente no século I D.C.

¹¹¹ BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960, p.3.

¹¹² HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 28.

fundamentos da fé cristã tidos como fundamentos da nação. Branham, embora se posicione de maneira contrária à associação de política e religião, pouco parece ter a noção moderna de Estado laico. A política e religião são postas de forma perigosa quando há participação católica ou dos ideais políticos de igualdade, porém não demonstra crítica tão forte sobre envolvimento de protestantes na política¹¹³. Na verdade, seus ideais favorecem uma formação política conservadora, ainda que diretamente não participe dela. Branham, na sua formação religiosa, herda da tradição protestante e evangélica que se coloca como parte constituinte da identidade, política e sociedade americana.

Lembremos, deste modo, que Branham demonstra sua temeridade política diante do comunismo soviético, diante do voto das mulheres, e agora o catolicismo. Outro ponto de crítica encontrar-se-á em ter em seu país um presidente católico como John Kennedy, ainda que este, e grande parte do catolicismo americano, tivessem posições conservadoras tão próximas a dele. Vemos que uma das suas visões sobre o século XX, Branham ratifica a temeridade de um possível crescimento católico na política americana quando diz “A seguir, na sexta visão eis que se levantou na América, a mulher mais linda, porém cruel. Ela mantinha o povo sob seu completo controle. Eu acreditei ser este o levantamento da igreja Católica Romana, embora eu saiba que pudesse se tratar possivelmente de alguma mulher levantando-se em grande poder na América devido a uma votação popular pelas mulheres.”, é interessante observar que a dubiedade acerca da figura desta mulher “linda, porém cruel” está sob dois grupos tão criticados por Branham, as mulheres e sua participação nas eleições políticas e a Igreja Católica. É perceptível também a ligação da Igreja Católica (ou também das mulheres) com a noção de domínio forte ou tirania expressa na afirmação que esta mulher mantinha a nação americana sob “seu completo controle”, tal aspecto pode ser entendido na questão dos EUA ser colocado como um país democrático e a favor da liberdade em oposição a um catolicismo tido como tirânico e contrário à fé cristã, assim como entende Branham. Tal noção de se compreender o catolicismo como inimigo da fé cristã e de ideais democráticos da nação pode ter precedentes de ideais protestantes coloniais, pois como mostra Karnal:

“Apesar de quase 1/3 dos cidadãos norte-americanos serem católicos hoje e terem fornecido um presidente ao país no século XX (Kennedy), no período colonial havia grande desconfiança contra os chamados “papistas”. Os católicos romanos foram vistos como avessos à democracia no período das Guerras de independência e fiéis seguidores de uma autoridade estrangeira

¹¹³ Observaremos, no decorrer deste capítulo, que a crítica de Branham aos protestantes, em relação a questões políticas, se dará no tema “ecumenismo”, em uma temível associação destes com a Igreja Católica.

(o papa), sendo, por isso, considerados potencialmente perigosos à nova nação.”¹¹⁴.

Branham, somado a este aspecto temerário em relação ao crescimento político do catolicismo na sociedade americana, traz aspectos doutrinários que nos permite compreender melhor sua crítica ao catolicismo. Veremos que para ele as características denominacionais e dogmáticas presentes não somente na catolicismo, mas também nas igrejas protestantes e evangélicas, distancia os cristãos da compreensão correta da “Palavra de Deus”. Branham diz que:

“(…)Na Era das Trevas o povo, quase totalmente, havia se separado da Palavra. Porém Deus mandou a Lutero com a Palavra. Os Luteranos falaram por Deus naquele tempo. Porém eles se organizaram, e outra vez a Palavra pura de Deus ficou perdida, porque a organização tende a juntar-se com dogmas e credos em vez da simples Palavra. Já não podiam falar por Deus. Então Deus mandou a Wesley e ele foi a voz com a Palavra em seu dia. O povo que aceitou sua revelação de Deus chegou a ser as cartas vivas, lidas e conhecidas de todos os homens de sua geração. Quando os Metodistas fracassaram, Deus levantou a outros, e assim tem continuado através dos anos, até que neste último dia há outra vez um novo povo na terra, que sob seu mensageiro será a voz final na última era.”¹¹⁵.

Branham aqui critica as igrejas se organizarem enquanto instituições e denominações, criando doutrinas e todo sistema de dogmas. Para ele tal prática, ao longo da história da fé cristã, sempre afastou as pessoas da verdadeira compreensão das sagradas escrituras, limitando-as diante das revelações de Deus ao longo das eras. Branham vê a Idade Média, alcunhada de Idade das Trevas, como um dos piores momentos para o cristianismo, por entender que o catolicismo havia separado a fé cristã da palavra divina e ter conduzido muitos ao erro. Logo, as eras e seus mensageiros vieram para reconduzir o povo de Deus à sua palavra, porém se limitaram em organizações religiosas, sendo que, na última era, estaria a condução completa da Igreja Noiva à Palavra, e por fim o milênio. Portanto, a temeridade de um crescimento político católico junto as mudanças sociais, culturais, políticas, e até mesmo econômicas do século XX são entendidos também como aspectos de uma investida anticristã de distanciar a Igreja Noiva da palavra concernente a Era da Laodicéia.

Diante de tudo analisado acima, podemos perceber que aos poucos o discurso de Branham vai se tornando exclusivista, isto é, pela sua lógica de entendimento bíblico e de sua pregação sobre as eras da Igreja, poucos são os pertencentes à verdadeira igreja ou a dita

¹¹⁴ FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL. Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007, p.55.

¹¹⁵ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960 p.27.

Igreja Noiva. Seu anticatolicismo se estende de certa maneira a outros grupos cristãos quando chega ao ponto de comparar a Igreja Católica e as protestantes com a prostituta presente em Apocalipse 17¹¹⁶, pois diz ele que

“Quando Lutero saiu do catolicismo, o povo ficou liberto por um tempo. Porém quando ele morreu, o povo simplesmente organizou o que pensavam que ele cria e estabeleceram seus próprios credos e ideias, e repudiaram a todo aquele que professava diferente deles. Voltaram diretamente ao Catolicismo com uma forma um pouco diferente. E ainda hoje em dia há muitos Luteranos que estão prontos para voltar ao lugar de onde saíram. Oh, sim! Em Apocalipse 12, aquela meretriz teve muitas filhas. Estas filhas são iguais a sua mãe.”¹¹⁷,

Soa um pouco estranho, de início, esta crítica forte de Branham, já que sua formação religiosa está presente nos seios protestantes e evangélicos, e como vimos seu conservadorismo político se relaciona, até mesmo, com posições católicas conservadoras. No âmbito religioso, diante dos embates históricos entre protestantes e católicos, é bem contraditório, talvez para muitos, irresponsável, colocar católicos e protestantes em uma mesma posição negativa na simbologia cristã. Porém toda essa análise acusatória de Branham, se assim podemos dizer, está dentro de um contexto fundamentalista teleológico.

O fundamentalismo teleológico de Branham, portanto, permite-nos explicar sua análise quase que exclusivista acerca da Igreja Noiva; dizemos exclusivista, pois toda sua pregação acerca das eras da igreja traz características que são entendidas e subentendidas serem praticadas apenas por Branham e seus seguidores ou por quem mais aceitar sua doutrina e mensagens. O fim da História está próximo de Branham diante de sua realidade sócio-histórica tão conflitante, cheia de novidades e mudanças que batem de frente com seu tradicionalismo, conservadorismo e percepção fundamentalista do texto bíblico. Ademais, as igrejas protestantes, ao seu entender, estão atraídas pela prosperidade financeira americana, pelas revoluções tecnológicas e o crescimento científico de sua nação, tudo isso visto de forma negativa quando diz que:

“A Igreja de Laodicéia está dizendo: *“Rico sou e estou enriquecido e de nada tenho falta”*. Essa foi a sua auto avaliação. Ela olhou para si mesma e foi isso que ela viu. Ela disse: “Rica sou”, significando que ela é muito próspera nos bens deste mundo. Ela está se jactanciando (...)Os belos santuários são multiplicados em número como nunca até então. Os diferentes grupos contendem entre si para ver quem pode construir o maior e mais belo

¹¹⁶ Na pregação transcrita que utilizo como fonte na monografia há um erro de capítulos bíblicos. “A Grande Prostituta” mencionada por Branham se encontra no capítulo 17 do livro de Apocalipse e não no capítulo 12 como mencionado na pregação transcrita e traduzida de Branham.

¹¹⁷ BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso...* op.cit., p. 31.

edifício. Constroem centros educacionais no valor de incalculáveis milhões e estes edifícios são usados apenas uma ou duas horas por semana.”¹¹⁸.

Por fim, somado a estes aspectos, Branham toma parte de suas mensagens em um dos aspectos principais de seu posicionamento milenarista, o eminente e temível ecumenismo religioso. Na pregação “Era de Laodicéia”, portanto, Branham começa a desenrolar a questão do ecumenismo, interligando católicos e protestantes nessa intenção de organizar as igrejas cristãs sob um denominador comum que venha a extinguir os conflitos religiosos. Utilizando, então, da transposição e comparação da Laodicéia bíblica à Laodicéia de sua temporalidade ele diz:

“Por exemplo, eles adoravam um deus, Zeus, que era o chefe e pai dos deuses. Este fato prediz as religiões do “único Deus, pai de nós todos” do século vinte, premissa que estabelece a fraternidade do homem, e agora está mesmo unindo os Protestantes, Católicos, Judeus, Hindus, etc. com a intenção que uma forma comum de adoração aumentará nosso amor, nossa compreensão, e cuidando uns dos outros. Os católicos e protestantes estão presentemente empenhando-se, e realmente ganhando terreno, nesta união com a propalada intenção que todos os outros os sigam.”¹¹⁹.

Vemos que comparar tempos e contextos diferentes historicamente torna-se necessário para enfatizar aos seus ouvintes, leitores e seguidores que a simbologia e metáforas bíblicas têm valores, mensagens e interpretações que podem abarcar toda a História, ou seja, sempre presentes no tempo, sob diversas formas para que os cristãos observem e creiam na ação e na vontade de Deus em sua sociedade. Nesse conceito a adoração de Zeus por parte dos laodiceanos da antiguidade é trazida para representar um ecumenismo religioso em oposição ao que Branham possa entender como verdadeira adoração e confissão de fé a Deus.

Branham demonstra ter uma visão generalizante acerca do ecumenismo cristão de sua época. Ao englobar, por exemplo, judeus e hindus, demonstra entender o ecumenismo como relativismo cultural e religioso. É necessário entender que o Ecumenismo Cristão tão criticado por Branham tem raízes de origem protestante que visa à unidade das igrejas que confessam a fé cristã e que, institucionalmente, é representado pelo CMI (Conselho Mundial de Igrejas) que integra tantos movimentos de origem ecumênica nas mais variadas vertentes do protestantismo. A participação integralizada da Igreja Católica no CMI de forma efetiva se dá nos finais dos anos 1950 e nos anos 1960, como nos mostra o teólogo Zwinglio M. Dias quando diz que

¹¹⁸ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.29-30.

¹¹⁹ Idem. p. 2.

“A grande mudança de atitude, no entanto, viria com a convocação em 1959, pelo Papa João XXIII, do Concílio Vaticano II. Já no anúncio dos objetivos do conclave sublinhava-se que se tratava de um Concílio para a renovação (*aggiornamento*) da Igreja e sua abertura ao ecumenismo e ao mundo. No ano seguinte, foi criado o Secretariado Romano para a Unidade dos Cristãos. A partir da terceira assembleia do CMI (Nova Délhi, Índia, em 1961), observadores oficiais da Santa Sé passaram a participar em cada uma de suas assembleias gerais. Em 1964, o Papa Paulo VI promulga o Decreto Conciliar sobre ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, o qual amplia vastamente o horizonte eclesiológico da Igreja.”¹²⁰.

Diante dessas informações vemos que elas fazem parte do contexto temporal de Branham, que na década de 1960 produz suas mensagens sobre as eras da Igreja cristã sob uma crítica forte ao ecumenismo, especialmente quando nesse momento inicia-se a participação da Igreja Católica no CMI. Portanto, vemos que a religiosidade de Branham não é “ecumênica” e tem traços de um protestantismo antecatólico.

Branham também tem a compreensão de que o movimento ecumênico crie uma religião mundial abarcando todas as demais, entretanto a formação do CMI e a participação da Igreja Católica não revelam esta intenção. Como nos mostra novamente o teólogo Zwinglio M. Dias, numa análise histórica e teológica do ecumenismo cristão, há, na verdade uma preocupação evitar ao máximo criação de uma igreja única entre os membros do CMI, pois “O grande temor era a constituição de uma "super-igreja", ou a criação de um organismo que fosse normativo para as Igrejas.”¹²¹. Já em 1950, em uma reunião do CMI em Toronto, no Canadá, na chamada “declaração de Toronto” podemos ver que não há intenção teórica e prática, tão temida por Branham, em se ter uma “super-igreja” ou um relativismo religioso dentro do ecumenismo cristão, pois

“Em 1950, o Comitê Central do CMI reunido em Toronto, no Canadá, elaborou uma declaração intitulada *A Igreja, as Igrejas e o Conselho Mundial de Igrejas*, tendo por subtítulo “A Significação Eclesiológica do Conselho Mundial de Igrejas”. Este texto, hoje conhecido como “Declaração de Toronto,” e que aperfeiçoa a “base” adotada em Amsterdam, declara, entre outras coisas, o seguinte: 1) O CMI não é e nem deve vir a se tomar uma super Igreja; 2) o objetivo do CMI não é o de negociar a união entre as Igrejas, pois isto só pode ser feito por elas mesmas e por sua própria iniciativa; 3) o CMI não pode e não deve estar baseado numa concepção particular de Igreja. Ele não prejudica a questão eclesiológica; 4) ser membro do CMI não supõe que uma Igreja considere sua própria concepção de Igreja como relativa, nem que cada Igreja deva considerar as outras Igrejas como Igrejas no sentido pleno e verdadeiro do termo; 5) ser membro do CMI não

¹²⁰ DIAS, Zwinglio M. O Movimento Ecumênico: História e Significado. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. I, n. 1, 1998, p. 127-163, p. 145.

¹²¹ Idem, p. 140.

implica que se deva aceitar uma doutrina específica relativa à natureza e à unidade da Igreja.”¹²².

É interessante observar que o movimento ecumênico é visto por Branham como uma possível organização das igrejas, que se voltará contra a Igreja verdadeira idealizada em suas mensagens. Seu anticatolicismo é evidente mais ainda quando o papel de protagonismo nesse ecumenismo é dado à Igreja Católica, em especial à visita do Papa João VI à cidade de Jerusalém e seu encontro com o patriarca ortodoxo Atenágoras em 1964. Sobre esta visita, utilizando das simbologias trevas e luz, sol e lua, Branham diz

“A igreja brilha com a luz refletida de Cristo. Ele é o Sol e a Igreja é a Lua. Assim, este círculo de luz é a lua. Ela tem decrescido de uma lua cheia na primeira era a apenas um fragmento na quarta era. Porém na quinta era ela começou a crescer. Na sexta ela deu um grande passo no crescimento, numa parte da sétima era, ela estava ainda crescendo, quando repentinamente ela parou, e se diminuiu a quase nada; de modo que ao invés da luz ela era e escuridão da apostasia, e ao fim da era tem cessado de brilhar porque as trevas têm dominado. Cristo está agora do lado de fora da igreja. Aqui está o sinal no céu. O último eclipse da lua foi um eclipse total. Ela mingou até as trevas totais no sétimo estágio. No sétimo estágio, as trevas totais vieram enquanto o Papa de Roma (Paulo VI) ia para a Palestina fazer uma viagem santa a Jerusalém. Ele foi o primeiro papa em todos os tempos a ir a Jerusalém. O papa é chamado Paulo Sexto. Paulo foi o primeiro mensageiro e este homem leva esse nome. Notem que é o sexto, ou o número do homem. Isto é mais do que uma coincidência. E quando ele foi a Jerusalém, a lua ou a igreja entrou nas trevas totais. Este é ele. Este é o fim. Esta geração não passará até que tudo tenha sido cumprido.”¹²³

Notemos que toda comparação, linguagem metafórica e simbologia referentes às trevas, à lua mingante e ao eclipse total da lua se referem à Igreja Católica. A viagem do Papa Paulo VI a Jerusalém, ainda que tivesse um caráter ecumênico, foi vista por Branham como a prova viva de sua teoria milenarista, pois ele entende que os credos e dogmas católicos junto a um possível crescimento político da mesma Igreja e sua “aliança” com as igrejas protestantes no movimento ecumênico, estaria a “obscurecer” os cristãos e a sociedade distanciando-os compreensão correta do evangelho. Tudo isso, somado aos contextos políticos e culturais analisados nos capítulos anteriores, é visto como sinal do fim da História pra Branham.

É pertinente observar que Branham direta ou indiretamente coloca a Igreja Católica e consequentemente o Papa como figuras próximas do Anticristo. A referência à utilização do

¹²² Idem, p. 142.

¹²³ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.49-50.

nome Paulo com o numeral romano VI na nomeação do Papa serve para ele como uma provável evidência de que o Papa seja participante da temível figura do Anticristo. Branham interpreta assim por uma questão de numerologia cristã, se assim podemos dizer. Branham segue uma linha de raciocínio em que se sugere que o número sete seja o símbolo da perfeição¹²⁴ tão presente nos textos bíblicos em referência a Deus e às representações divinas. Já número 6 correspondente ao homem e sua imperfeição, pecado, queda e também é referente a besta do Apocalipse que tem em si o número 666¹²⁵. Diante disso, Branham entende que o Papa Paulo VI seja uma representação do Anticristo.

Na verdade, Branham não aponta diretamente quem será o Anticristo, mas elenca personagens que em si tem representações e atitudes próximas ao que ele entende como Anticristo, exemplo disso é que ele atribui ao Ecumenismo Cristão do CMI o preparo teológico e ideológico para a ascensão do personagem bíblico inimigo de Cristo e da igreja cristã verdadeira, diz ele que:

“Cristo tem deixado a Igreja; não é este o resultado ou o fim lógico se a Palavra é posta de lado por credos, o Espírito Santo é deposto por papas, bispos, presidentes, conselheiros, etc., e o Salvador anulado por um programa de obras, ou reunião de igreja ou algum tipo de conformidade com o sistema de igreja? Que mais pode ser feito contra Ele? Esta é a apostasia! Esta é a decadência! Esta é a porta aberta ao anticristo, porque um veio em Nome do Pai (Jesus) e não foi recebido, mas rejeitado, então virá outro em seu próprio nome (mentiroso, pretencioso) e a ele receberão. (...) O homem do pecado, este filho da perdição tomará posse.”¹²⁶

Vemos que a institucionalização das igrejas, a criação de dogmas específicos e o ecumenismo são postos, quase que a todo momento como, como inimigos de Cristo e de sua

¹²⁴ A atribuição de perfeição dada ao número 7 (sete) e de imperfeição ao número 6 (seis), correspondente a Deus e suas representação e ao homem com seu pecado, imperfeição e queda, respectivamente, tem origem judaica pré-messiânicas (anteriores ao nascimento de Cristo). No cristianismo do medievo o teólogo Pedro Lombardo ele elabora a teologia dos sete sacramentos católicos em que vemos o sete colocado como número da perfeição: “Em uma área, porém, ele abre um novo terreno: na teologia dos sacramentos. Foi, provavelmente, o primeiro a oferecer o que é agora a lista-padrão católica de sete sacramentos. O conceito de sete sacramentos obteve rápida aprovação, por ser o sete considerado “o número perfeito”. In_ FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 624.

¹²⁵ É interessante observar que a temível besta do Apocalipse que tem em si o sinal profano do número 666 povoou o imaginário cristão ao logo dos séculos. Católicos e Protestantes, em realidades históricas tão diversas, usaram da figura da besta em constante classificação e acusação “recíproca” ao longo dos anos, com métodos dos mais diversos para “provar” que a religião oposta tinha em si o número da besta ou as qualidades dela. A imagem da besta, de certa forma, num imaginário mais fundamentalista como o de Branham tem associação ao Anticristo, e o versículo bíblico que servirá a “numerologia cristã” de determinar quem é o Anticristo é que diz “Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é número de homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.” In_ *Bíblia Sagrada*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: CPAD, p.1219, 2003.

¹²⁶ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.49.

palavra, vistos como apostasia, decadência moral, política e espiritual da igreja cristã. O Anticristo parece ter terreno de atuação evidente e domínio, ou quiçá já esteja presente, no caso do Papa Paulo VI, mas Branham não arrisca assumir tal posição de prontidão, embora tente sugerir isso.

A imagem do papa ou do catolicismo estar associada ao Anticristo, besta do Apocalipse, a Babilônia entre outros aspectos, faz parte de realidades cristãs protestantes diversas ao longo da história. Há uma visível adaptação destas simbologias e representações religiosas para a compreensão política e social de uma época. Seja para Branham, para fundamentalistas pentecostais modernos, seja para a Inglaterra revolucionária do século XVII, “a Bíblia foi o ponto de referência de todo seu pensamento. (...) Naquela época” - e nos dias de Branham, e no fundamentalismo neopentecostal de nossos dias- “a Bíblia era a fonte de quase todas as ideias: ela fornecia o idioma no qual homens e mulheres conduziam todas as discussões.”¹²⁷. Por isso Branham, mesmo quando trata de questões políticas como o voto das mulheres, por exemplo, ou a prosperidade financeira americana ou até mesmo o ecumenismo, sempre correlaciona suas posições conservadoras e antecatólicas ao texto bíblico. Vemos, portanto, que em diferentes sociedades há similaridades no uso dos termos bíblicos, porém, convém-nos perceber, que há especificidades históricas bem diferentes dado o contexto.

Nesta conjuntura, portanto, o termo “Babilônia” tem uma referência sugestiva ao catolicismo nas pregações de Branham, dentro de um contexto de riquezas materiais corruptas, que no seu entender, a ambição por riquezas une as igrejas protestantes e evangélicas ao catolicismo dentro do ecumenismo cristão, pois diz ele

“Ora, este povo tinha abundância de ouro, mas não de boa qualidade. Foi o ouro que corrompeu e desvirtuou o caráter do homem, porque o amor ao ouro foi a raiz de todos os males. ‘E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias.’¹²⁸”¹²⁹

A citação do texto bíblico vem para correlacionar a imagem da Babilônia bíblica à prosperidade das igrejas presente em seu tempo, em outro momento diz que “A igreja possui uma riqueza tão fenomenal que a qualquer tempo ela pode tomar posse de todo sistema

¹²⁷ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII...* op. cit., p.55.

¹²⁸ A citação bíblica utilizada por Branham e presente em sua pregação se encontra no livro Bíblico de Apocalipse, capítulo 18, versículos 1-3.

¹²⁹ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.40.

mundial de comércio, e com efeito um líder no Concílio Mundial de Igrejas profetizou abertamente que a igreja em um futuro previsível deveria, poderia, e fará realmente isto. Porém sua torre de ouro de Babel ruirá.”¹³⁰. Aqui a imagem da torre de Babel¹³¹, em ligação textual com o termo Babilônia, traz a representação da intenção das religiões, dentro de um ecumenismo, tomar o comércio mundial e política para si, diante disso a profecia bíblica utilizada por Branham determina a queda desta Babilônia, que para ele pode significar a queda da Igreja Católica ou o até mesmo do Conselho Mundial de Igrejas.

A oposição de Branham ao catolicismo faz com que ele sempre critique qualquer proximidade das igrejas evangélicas e protestantes com a Igreja Católica. Para ele tal proximidade significa heresia, apostasia, desvio moral dos cristãos da Verdadeira Palavra de Deus. A exemplo dos radicais puritanos ingleses na Inglaterra do século XVII “que sentiam fortemente que o Papa era o Anticristo. (...) os termos Egito, Babilônia e Sodoma deviam parecer palavras-chaves para descrever aquilo que se opunham”¹³², isto é, Branham séculos mais tarde, numa realidade histórica e com um Papa diferente usou os mesmos termos para referir ao que tinha como oposição, a Igreja católica. No entanto, com novos personagens para abarcar no termo Anticristo, como o ecumenismo religioso cristão.

Por fim, o ecumenismo religioso, o possível aumento da influência política da Igreja Católica nos EUA e no mundo, o Papa Paulo VI ser o Anticristo ou não, faz com que a mensagem pregada por Branham torne-se uma advertência para quem o ouve e segue suas doutrinas, pois são entendidas como prenúncio da volta de Cristo tão perto de sua temporalidade. Torna-se necessário, então, voltar-se à prática da Palavra à maneira do que entende ter sido praticada pela Igreja primitiva. Para ele, a Igreja Católica tenta mais uma vez expor seus enganos e heresias dentro do ecumenismo. Assim como na Inglaterra das guerras civis do século XVII “o arcebispo de York avisara Jaime I que, ao tolerar os católicos, “estais fazendo com que se estabeleça a doutrina mais danosa e herética, que é a da Igreja de Roma, a prostituta de Babilônia””¹³³, Branham assim adverte seus seguidores e ouvintes sobre o perigo da aliança ecumênica entre católicos e protestantes, pois para ele a heresia e o dano de tal aliança, reside no fato de das religiões cristãs, sob uma possível uniformização das igrejas, se

¹³⁰ Idem, p.42, 1960.

¹³¹ A “Torre de Babel” faz parte da narrativa criacionista bíblica que explica a origem das diferenças dos idiomas e linguagens na Terra. Os homens, por grande presunção e soberba, desejaram construir uma torre com altura imponente, entretanto tal feito não agradara a Deus, que para impedir a criação da Torre confundiu a língua (idioma dos homens) e estes não entendiam uns aos outros, por tal motivo a torre foi chamada de Babel, que, na narrativa bíblica, significa confusão. Essa história está presente no livro bíblico de Gênesis, capítulo 11.

¹³² HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII...* op. cit., p.162.

¹³³ Idem, p.401.

afastarem da Palavra Verdadeira, pois diz Branham “Temos mostrado claramente que através das eras, como Adão e Eva caiu porque negligenciaram a Palavra, assim a era de Éfeso caiu por desprezar a Palavra até com cada era continuando a desprezar, nós temos um repúdio final da Palavra pelo sistema Mundial de Igrejas.”¹³⁴.

Lembremos que Branham tem uma teoria milenarista que ele entende ser a correta, revelada por Deus, por isso ele entende, ainda que de forma exclusivista, que sua doutrina é a correta, em concordância quase que perfeita com a praticada pela Igreja Primitiva, ainda que ele não leve em conta os aspectos culturais, sociais, políticos e históricos de tal igreja tão idealizada em suas pregações pela leitura literal dos textos bíblicos.

¹³⁴ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia...* op. cit., p.52.

CONCLUSÃO

O fim da história para Branham, portanto, está exposto. Lembremos de seu cálculo e predição acerca do milênio de Cristo, em que ele diz: “eu sinceramente creio e sustento como um estudante privado da Palavra, junto com a inspiração divina que 1977 deve terminar os sistemas do mundo e introduzir o milênio.”¹³⁵. Essa convicção é obtida, como vimos, através das visões que ele afirma ter sobre os fatos políticos do século XX; soma-se a isso toda a crítica feita ao catolicismo, que, para ele, ajuda a reforçar sua tese, por ver a figura do Anticristo tão próxima à sua temporalidade.

Vemos que a História para Branham corresponde a uma História predeterminada por Deus e que tem como fim a realização da vontade divina sobre os homens. As mudanças políticas, sociais e culturais são sinais de que as escrituras se cumprem e ajudam a explicar a História e vê-la sob um prisma apocalítico, já que a sociedade americana é vista em constante declínio moral. Surge a insegurança diante de mudanças que podem ser consideradas “traumáticas” para o conservadorismo da metade do século XX.

A Era de Laodicéia, portanto, é o fim da História junto a todas as características que, no discurso religioso, ela possa ter, em comparação com a Laodicéia bíblica. Branham vê esse fim da História analisando a sociedade americana de seu tempo e criando uma resistência às mudanças presentes nesta sociedade. Sua formação religiosa reforça sua tese e não é formada por elementos novos ou tampouco pertencentes ao fundamentalismo pentecostal de Branham. Sua análise anticatólica tem similaridades teóricas e simbólicas com as diversas vertentes anticatólicas da sociedade Inglesa do século XVII como também nos EUA enquanto colônia, e posteriormente na formação da nação americana. Sua análise da mulher, acerca dos papéis sociais dos gêneros a participação da mulher na política e da família tem precedentes históricos nos ideais burgueses da família tradicional ocidental, fundamentados em especial no século XIX.

É evidente que Branham tem suas peculiaridades, suas posições também são definidas pela leitura e interpretação do texto bíblico, que serve de base principal para compreender a sociedade e se posicionar diante dela. Tal feito trouxe para esta análise historiográfica a necessidade de explicar os temas, os códigos, as metáforas e as comparações concernentes à Bíblia para que pudéssemos entender seus significados políticos e culturais na sociedade em

¹³⁵ BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960, p.5.

que Branham elabora suas mensagens. O uso de conceitos teológicos foi importante para a análise.

A doutrina milenarista de Branham é anticomunista e, de forma indireta, integra o conceito de americanismo consolidado durante a Guerra Fria. Já em relação ao inimigo histórico de um protestantismo mais radical e de igrejas evangélicas fundamentalistas, Branham põe as igrejas protestantes quase que em um mesmo patamar negativo que é atribuído à Igreja Católica por causa da participação desta no Conselho Mundial de Igrejas. Portanto, o Anticristo está próximo, ou mesmo já presente no mundo.

Deste modo o milênio corresponde a um ponto de conforto e consolo para Branham e seus seguidores diante do século XX e seus “extremos”. Por isso, perto de finalizar sua mensagem diz Branham

“Esta é a última advertência. Não haverá outra. O trono já foi estabelecido. Os doze fundamentos já foram postos. As estradas de ouro já foram pavimentadas. Os portões de gigantescas pérolas foram levantados. Igual a uma pirâmide e ela permanece imponente e gloriosa. Os seres celestiais que a tem preparado agora a observam extasiados, porque ela refulge e brilha com uma glória extra terrena. Cada face de sua beleza conta uma história da graça maravilhosa e do amor de Jesus. Ela é uma cidade preparada para um povo preparado. Ela espera somente seus habitantes, e logo eles invadirão suas avenidas com alegria. Sim, esta é a última chamada. O Espírito não falará em outra era. As eras passaram.”¹³⁶.

Branham, no entanto, morreria em 1965 antes mesmo de conferir se sua predição desse certo ou não. Não veria ele que o temível comunismo soviético entraria em crise nos anos 1980 e tendo como fim simbólico a queda do Muro de Berlim, ou tampouco saberia que as mulheres estariam firmes na luta por direitos sociais, políticos e de igualdade de gêneros nas partes mais variadas do globo. Sequer veria que depois de Paulo VI teríamos mais 4 papas, dentre os quais um é acusado de ser comunista; aliás, pela crescente extrema direita, que em seu país, ajudaria a eleger Donald Trump. Um pouco antes temos as eleições de Reagan, dos Bush (pai e filho) sob um eleitorado conservador e religioso tão próximo de algumas posições de Branham. Por fim, guerras religiosas presentes no atual século, sem falar nas cisões das igrejas e suas divisões que pouco denotam um ecumenismo. Entretanto, todos estes aspectos, ainda hoje, encontrarão respostas satisfatórias por aqueles que tem a história compreendida na fé religiosa, seja ela qual for. Não há aqui a crítica maniqueísta, mas sim a evidência que a religião é participe constituinte dos discursos formadores sociais que nos

¹³⁶ Idem. p.57.

servem de fontes de pesquisa para se compreender as diversas realidades históricas e como elas são construídas.

O sagrado e as metáforas religiosas com fundo político fazem parte das sociedades no presente século XXI. Vemos isso na atuação da bancada evangélica em nosso congresso (ainda que nos cause temeridade diante do crescimento do fundamentalismo extremista), os programas religiosos na televisão, rádio, internet que tornam-se objeto de estudo de historiadores, sociólogos, filósofos, entre outros, que nos revelam a diversidade política e cultural da religião e suas formas de compreender, atuar e transformar a sociedade, colocando-se como sujeitos na história, seja ela a do cotidiano, dos processos históricos ou a história que se entende ser prescrita e predeterminada por Deus.

Por isso, novas “Eras de Laodicéia”, novos Anticristos, novos milênios de Cristo serão elaborados no discurso religioso, com diversos sentidos políticos, culturais. Ou seja, teremos mais códigos e metáforas pra desvendar nas continuidades, descontinuidades, nas rupturas da História, mais questionamentos nos surgirão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: CPAD, 2003

BLOCH, March. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BRANHAM, William M. *A Era de Éfeso*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960.

BRANHAM, William M. *A Era de Laodicéia*. Jeffersonville, Indiana, E.U.A, 1960.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Marilena%20Chau%ED-1.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

DIAS, Zwinglio M. *O Movimento Ecumênico: História e Significado*. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, 1, v. I, n. 1, 1998, p. 127-163.

Enciclopédia Mirador Internacional. *Protestantismo, Capítulo 6.2. O Fundamentalismo*. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda: São Paulo, Rio de Janeiro, 1973. Tomo 17.

FERGUNSON, Sinclair B. & WRIGHT, David F. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

FERNANDES, Luiz Estevam & KARNAL, Leandro. [et al.]. *Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*. Tradução, Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos- O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.

O Profeta do Século XX. pg.17. Disponível em: <http://www.apalavraoriginal.org.br/mensprof/profsec.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2017.

PERROT, Michelle(org.). *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, 2002, v. 22, nº 44, 2002.